



S a n t a C a t a r i n a • B r a s i l

**ANUÁRIO DE ITAJAÍ - 150 ANOS**

**2010**



## Apresentação

É

SEMPRE HONROSO ABRIR AS PÁGINAS DE MAIS UMA PUBLICAÇÃO do **Anuário de Itajaí**, agora em sua décima edição (desde que a Fundação Genésio Miranda Lins reeditou o título, em 1998). O leitor, até este ponto, caminhou por parte da história de Itajaí focada nos anuários anteriores, nos mais diferentes artigos protagonizados por tantos autores.

O Anuário é assim: congrega sem diferenciação, acredita no senso crítico do leitor, confia na qualidade textual de seus colaboradores; plural, faz integrar em suas páginas ciência e arte em artigos, poesias, prosas e imagens.

E quando Itajaí faz 150 anos, este **Anuário de Itajaí 2010**, esboçando alguns falares desta cidade, é um presente que se entenece ao município: como passado, molda-se para vir a ser o que é.

Rogério Lenzi

## Depoimentos - Itajaí 150 Anos

Nasci no centro de Itajaí, pertinho do Angeloni, rua Brusque, onde na época existiam poucas casas, muito verde, muita segurança... A Igreja Matriz, onde todos os dias eu passava quando caminhava até o Colégio São José, onde era minha segunda casa... Nossa Itajaí é um porto de encanto natural, situada no coração de Santa Catarina, cresceu tanto e tornou-se conhecida e respeitada por todos. Completa 150 anos de luta e trabalho... (Mercês Maria Pires).

Itajaí, o que posso eu dizer deste lugar que me acolheu quando cheguei, a mais ou menos 35 anos, vindo de Garopaba e aportando nesta cidade que considero como minha Cidade Natal, onde cresci, me formei e aprendi a amar cada parte desta abençoada terra, que não faz distinção, muito pelo contrário, acolhe. Itajaí das praças, onde encontramos os amigos conquistados ao longo dos anos. Amo Itajaí e este povo hospitaleiro que, ao longo dos anos, fazem cada vez mais Itajaí se desenvolver. Cidade de encantos e belezas naturais. Amo-a sim, de coração. Itajaí: cidade de povo humilde e amado. Agradeço a Deus por me proporcionar esta alegria de viver dias felizes nesta cidade, com um povo Feliz. 150 anos nem parece, de tão jovem e sem rugas (Marco Aurélio dos Santos).

A primeira vez que meu pai veio à Itajaí, ele tinha treze anos. Veio de Tijucas carregando um carrinho de mão cheio de esteiras. Tinha treze anos, mas já era um "cavalo" de um homem. Veio para fazer um serviço por um velhinho que o acompanhava. Mesmo calçando tamancos de madeira, meu pai falava que o velhinho ficava quase um quilômetro atrás dele. Ele sentava no carrinho até o velhinho se aproximar e lá ia ele de novo, mais um quilômetro adiante. Levaram quase um dia. Tempos depois, meu pai deixou Tijucas para sempre. Embarcou num barco à vela, barco de cabotagem em Santos. Numa dessas viagens conheceu minha mãe, aqui em Itajaí. Casaram, formaram família, meu pai marítimo e minha mãe cuidando da família, fazendo casa, cuidando dos filhos, e assim até hoje. Meu pai morreu faz um quinze anos e minha mãe continua sua vida como sempre: trabalhando, conversando, em plena atividade. O que mais gosto em Itajaí é do rio. Sempre vejo a chegada dos navios e por mais que isso se repita, para mim é sempre uma surpresa. Quando o navio apitava era sinal que meu pai poderia estar chegando. Hoje, quando escuto o apito do navio, de certa forma sei que uma lembrança me acorda, é sinal que temos nessa cidade histórias para lembrar (Nelson Nagel).

Eu não me esqueço, meu cunhado era tropeiro, puxava gado de Lages. Mil e quinhentas cabeças de gado eu vi passar no Rio Pequeno. Era puxado por três changueiros. Mil e poucas cabeças eu vi passar em tropas. O caminho era o antigo Rio Pequeno. O matador dos Werner, era onde é o cadeião hoje. Eu saía da Vila Operária, onde eu morava, para ir ver matar boi. Eu já vi morrer boi de 26 arrobas. Esse gado vinha de Lages, Curitiba, Bom Retiro... Vinha tudo por estrada. À noite, eles paravam, faziam rancho numa pousada; o gado ficava tudo aqui. De manhã cedinho se levantava tudo, arrumava o changueiro e iam embora (João Machado).

Aqui na Canhanduba, ali no meu pai, vinha tropa de boi... nós íamos todos pra ver. Aquilo vinha, fechava a estrada, 400 ou 500 bois. Tudo tocado a cavaleiro. Vinha de Lages pra Florianópolis. A maioria parava no meu pai. Enchia aquele pasto, era coisa linda de se ver... Ficavam ali no meu pai. Não pagava nada. Ganhavam cama pra dormir e ganhavam comida (Euclides Legal).

Nós tínhamos engenho de cana e engenho de farinha, aqui na Canhanduba. Nós colhíamos café. Meu pai era um homem muito trabalhador, não tinha hora. Foi no meu caso, o que eu fiz aqui. Eu não tinha hora pra comer, nem para dormir, porque senão não dava conta da vida (Luiz Amandio Vicente).

Meu pai comprou este terreno em 1920. Então meus irmãos mais velhos vinham trabalhar aqui, preparar a terra. Depois, em 1930, meu falecido pai veio com a mudança. Eu tinha dois anos. Então meus irmãos começaram a plantar arroz. Foram os primeiros a plantar arroz na comunidade. Quando meu falecido pai comprou este terreno, o nome era Morretes. Então tinha o Nato, chamavam ele de Nato Gastardi... O rio fazia muitas curvas naquele tempo e tinha muita enchente. Um dia ele foi tomar banho, no verão, e deu um mergulho. Ele viu uma bola, um brilhante...disse que foi...mas não conseguiu... aí foi de novo e disse que não achou mais. Então ele contava esta história para os outros, do Brilhante. Ali que veio depois o nome Brilhante Primeiro e veio Brilhante Segundo (Pedro Lira).

O transporte em Itajaí tinha era muito carro de mola. Táxi, naquele tempo, não havia quase nada. Ônibus que era bem pouco, tinha trem [...] eu acho que a maioria na praça era o carro de mola (João de Jesus).

Essa enchente, para nós aqui, não foi uma enchente, foi meio dilúvio... os antigos aqui que nunca viram, nem de perto, nem parecido... foi uma coisa fora de sério, dava medo na gente, tinha lugar que a gente passava... dava medo... tinha casa que a água quase passou por cima do teto... ali, na rua ali, naquele tempo não era calçada, era bairro, podia andar com uma baterazinha ali na rua (Arnoldo José Pereira).

Hoje não dá mais pra comer peixe no rio, não dá mais [...], não tem condição. Tem um tio meu que ele cansou de pegar camarão pra gente comer. Pegava no rio e trazia pra casa e dava pra comer. Hoje, vai comer pra ver, não tem mais, não tem, e, se tiver, não tem condição (Olga Cardoso).

Cidade localizada junto ao mar e junto ao rio que lhe empresta o nome, permanece como um dos raros lugares onde a paz e o progresso se misturam de forma harmoniosa. A Itajaí que apaixonou os visitantes com suas belezas naturais, que permite o



crescimento do indivíduo através de seu comércio, que permite ao privilegiado morador desta cidade usufruir de locais de especial beleza como o Canto do Morcego, é o mesmo município que se engrandece com as atividades pesqueiras realizadas pelos homens do mar que mantém vivas as tradições e o contato com o oceano, sendo desta forma os guardiões de um dos aspectos que moldaram o perfil de Itajaí, tanto materialmente como culturalmente. Itajaí de prédios e praias, do Morro da Cruz e Universidade, paz e progresso, Itajaí de homens e mulheres orgulhosos de sua terra, de sua história, enfim, de sua pequena pátria. Nesses 150 anos, espalhou graça, luz, charme, cultura e desenvolvimento na foz do rio Itajaí-Açu. Imprime, neste início de século XXI, a certeza de que nos próximos 150 anos manterá tal postura, permitindo a esta cidade e a este povo que possam, com trabalho, ordem e dedicação que lhes é tão natural, assegurar o espaço de direito e democracia entre as grandes sociedades humanas (André Felipe Penteadó).

Quando criança, se pescava muito no Saco da Fazenda, muitos peixes, siri e camarão... hoje, infelizmente, não se tem a fartura como antes. Mesmo assim, ainda pratico a pesca artesanal, que aprendi com meu avô. Desde pequeno aprendi a tarrafejar e fazer tarrafas e redes. Não é à toa que somos chamados de "peixeiros" e "papa-siri" (Paulo Sérgio Cabral).

Cidade maravilhosa, linda, hospitaleira. Bela ITAJAÍ. Nasci no bairro São João. Só existia madeireira, poucas casas; lembro-me do meio de transporte de passageiros que nos levava para Blumenau, Lontas e Rio do Sul. Quando voltávamos, pegávamos um carro de mola para ir para casa. A estação ferroviária era no bairro Fazenda, onde hoje é o supermercado Xande... ITAJAÍ, EU TE AMO (Valtrudes Haack).

Itajaí, minha terra de encantos mil... Hoje vejo como minha Itajaí cresceu e se desenvolveu. Por aqui chegaram os imigrantes que colonizaram Santa Catarina. De berço acolhedor, tornou-se berço exportador. Pelo seu maior patrimônio natural - que já nos assustou tantas vezes - leva pelos mares do mundo a riqueza não só material, mas a riqueza dessa gente hospitaleira, amiga, sincera e leal. Fiquei e fico emocionado quando, pelos meios de comunicação, vejo nossa Itajaí se preparando para o seu sesquicentenário. Não tenho como não dizer "Parabéns, cidade praiana". Itajaí, das praças e ruas floridas, do povo sincero, amigo e leal, jamais visto outro igual; das bicicletas e dos barcos de pesca, dos navios e caminhões, das festas e canções, das alegres Marejadas e das tristes enchentes que já passaram como águas que não movem mais moinhos, do Saco da Fazenda e Beira Rio...Caminho de Sodegaura, dos casarões e das famílias, dos trabalhadores portuários, dos artesões e das vocações, das praias urbanas e das comunidades rurais, do meu amado São João e da Rua Conceição, és tudo isso e muito mais. Por



isso não posso descrever o que só o meu coração sabe o quanto me orgulho de dizer: SOU PEIXEIRO, SIM (Cleber Brugnago Rosa).

Lembro-me que íamos para outras cidades de trem ou litorina, pois o meio de transporte ferroviário era o mais usado naquele tempo. Na estação ou terminal ferroviário, tinha vários carros de mola esperando passageiros do trem. A estação ficava localizada onde hoje é o supermercado Xande. Onde é o Mercado Público, ficava a rodoviária. Sou papa-siri com orgulho, pois amo minha cidade e meu povo. Parabéns, Itajaí, és a beleza de Santa Catarina (Valtrudes Haack).

Itajaí: minha vida é te amar! (Leonardo Monfardini).

A praça do Costa Cavalcante me traz doces lembranças da infância e da juventude, quando lá existia nos anos 70 o Parque Infantil Léa Leal de Souza onde esperávamos alegres na fila, o guarda abrir os portões. Era um senhor de idade e quando estávamos cansados de brincar ele contava histórias de castelos e princesas pra gente. Já as equipes Korpuz Som e Status Som embalavam as noites de sábado e as tardes de domingo com os sucessos da década de 80. Eram momentos de confraternização que estão na memória daqueles que passaram por lá. São belas histórias das gerações que fizeram parte da juventude do bairro Cordeiros (Elizete Maria Jacinto).

É interessante lembrar que, quando criança, ao brincar nas ruas para caçar borboletas, utilizávamos as asas para decorar bandejas e cinzeiros de vidros. A rua onde morava foi cortada para a construção de uma importante Avenida, a Irineu Bornhausen. O que me vem à lembrança também é quando, nesta Avenida ainda de terra, passavam filas de tratores carregando madeiras para o porto. Estes tratores foram substituídos por caminhões carregados de diferentes mercadorias. Que venha o progresso e na memória fica a saudade. Parabéns Itajaí (Rosete Pereira).

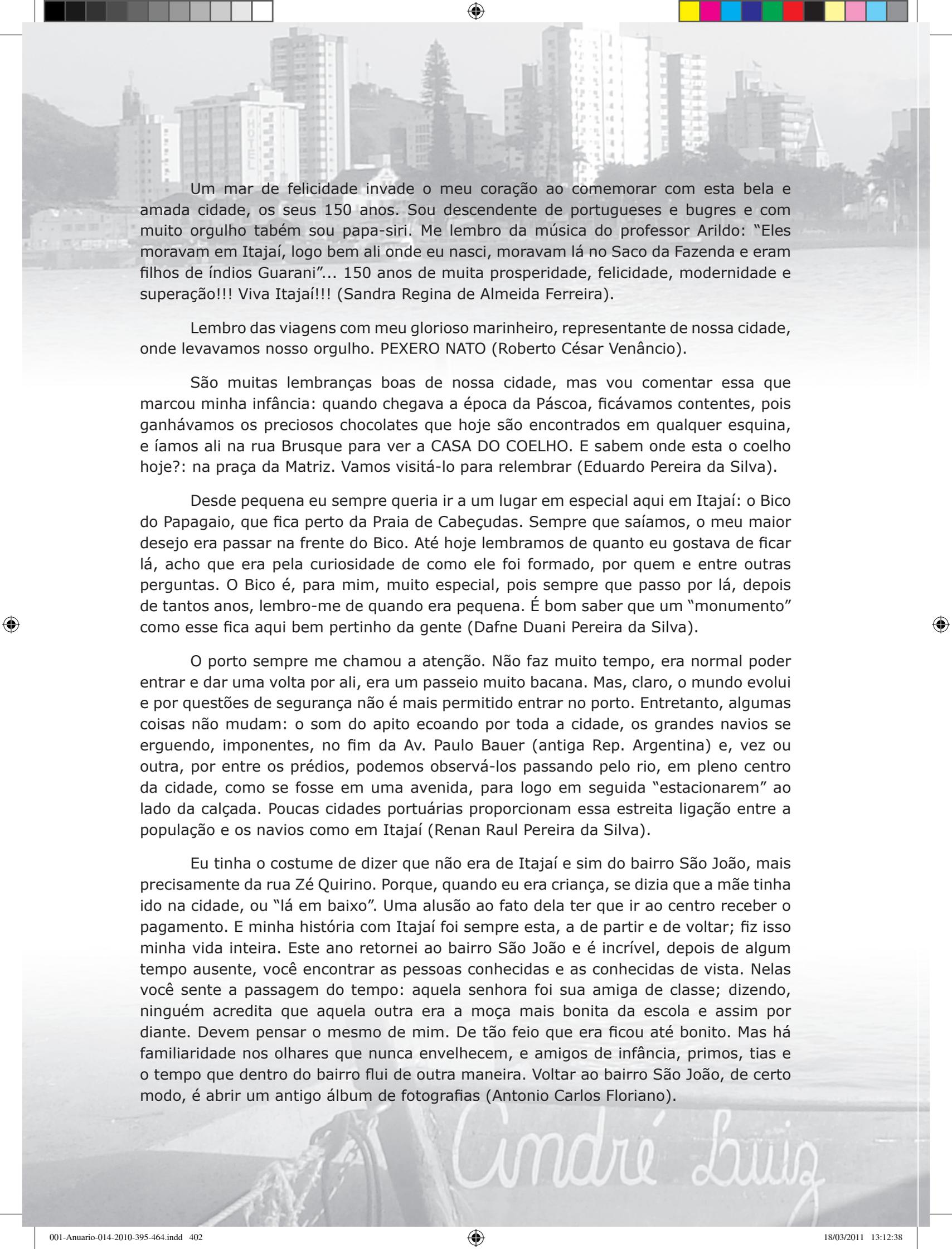
O que mais gosto de lembrar: a liberdade de poder brincar na rua. Morava na Hildebrando José da Silva, tempo em que a rua Indaial era de lajota; o Mini-preço, que era o Vitória, era onde hoje tem uma academia, próximo a rótula. Meu pai, senhor Orcely J. Vanzuita, trabalhava na madeireira Irmãos Pinto. Eu adorava brincar descalça, soltar sapinho, não tinha problema nenhum em ser menina e não poder brincar de pilica ... foi a minha melhor época até então vivida... meu pai me levava de bicicleta até a praia de Cabeçudas. Lá ele mergulhava do trampolim e na volta parávamos para tomar caldo de cana. Ele nasceu no Bairro Salseiros, em 1933, descendente de belgas por parte de pai e bugre por parte de mãe. Ele me ensinou a amar a cidade onde moro, a ter orgulho de ser itajaiense. E é por este motivo que deixo aqui minhas palavras registradas (Luciana Maria Vanzuita).

Nossa... como é bom ser itajaiense. Lembro-me que em 1989 tive que ir morar em outra cidade (Joinville); que tristeza. Outros costumes, outra forma de falar... outros hábitos. Me sentia angustiado, triste, sonhando com o dia em que pudesse voltar para Itajaí, minha terra querida. Em 1998, quase dez anos depois, fui agraciado por Deus e voltei à terra que tanto amei, amo e amarei. Aqui tenho meus familiares, constitui família, tenho amigos e o mais precioso de tudo isso: tenho a minha história... aqui sou feliz. Não sou ninguém importante, mas sou um itajaiense feliz e isso ninguém pode me tirar (Luciano de Andrade).

Mesmo não tendo nascido em Itajaí, foi aqui nesta cidade que passei a maior parte de minha vida. Cheguei aqui aos 10 anos de idade. Vivi minhas descobertas de adolescência e encontrei minha profissão. Trabalhei na loja Irmãos Coelho durante cinco anos e fiz, na Casa da Cultura Dide Brandão, meu primeiro curso de teatro. Atualmente, completando 18 anos de profissão, já tive a oportunidade de me apresentar em vários países, mas sempre tenho na lembrança o lugar dos meus primeiros passos (Max Reinert).

Outra lembrança marcante que tenho da infância: as vezes em que meu pai, o senhor João José Jacinto, me levava com minha mãe, Maria, para o trabalho. Eles eram proprietários da "Lavanderia Progresso", que ficava na Rua Lauro Müller, no centro de Itajaí, onde hoje está a Clínica São Lucas. Na hora do almoço, íamos no Restaurante Pau do Meio, onde o tronco da árvore que deu nome ao lugar era o diferencial, causando admiração pela beleza. Depois, para passar o tempo, havia uma banca de revistas onde eu comprava as famosas bonecas de papel e também ficava imaginando como seria por dentro a casa da frente, antiga e abandonada, que décadas depois foi restaurada e transformada na sede da Fundação Cultural. É a Itajaí... pessoas... momentos... e lugares que guardo na memória com carinho (Elizete Maria Jacinto).

Minha iniciação na educação escolar se deu no ano de 1954, quando fui matriculado no primeiro ano do curso primário do então Grupo Escolar Floriano Peixoto, na Vila Operária. Ali, naquela escola pública de qualidade, fui alfabetizado pela inesquecível Professora Inge Marques. Nós, alunos, tínhamos um uniforme de calça curta azul marinho e camisa branca. No bolso da camisa eram bordadas as iniciais "FP", de Floriano Peixoto, mas a rivalidade com os alunos do Grupo Escolar Victor Meirelles, do centro da cidade, fazia com que eles nos chamassem de "Feijão Podre", por causa do "FP", e nós, por nossa vez, os chamávamos de "Vaca Malhada", por causa das iniciais "VM", do bordado da camisa no seu uniforme. Rivalidades de estudantes que, hoje, nos trazem saudades, inclusive daquela escola pública de ótimos professores e excelente aprendizagem (Edison d'Ávila).



Um mar de felicidade invade o meu coração ao comemorar com esta bela e amada cidade, os seus 150 anos. Sou descendente de portugueses e bugres e com muito orgulho também sou papa-siri. Me lembro da música do professor Arildo: "Eles moravam em Itajaí, logo bem ali onde eu nasci, moravam lá no Saco da Fazenda e eram filhos de índios Guarani"... 150 anos de muita prosperidade, felicidade, modernidade e superação!!! Viva Itajaí!!! (Sandra Regina de Almeida Ferreira).

Lembro das viagens com meu glorioso marinheiro, representante de nossa cidade, onde levávamos nosso orgulho. PEXERO NATO (Roberto César Venâncio).

São muitas lembranças boas de nossa cidade, mas vou comentar essa que marcou minha infância: quando chegava a época da Páscoa, ficávamos contentes, pois ganhávamos os preciosos chocolates que hoje são encontrados em qualquer esquina, e íamos ali na rua Brusque para ver a CASA DO COELHO. E sabem onde esta o coelho hoje?: na praça da Matriz. Vamos visitá-lo para lembrar (Eduardo Pereira da Silva).

Desde pequena eu sempre queria ir a um lugar em especial aqui em Itajaí: o Bico do Papagaio, que fica perto da Praia de Cabeçudas. Sempre que saíamos, o meu maior desejo era passar na frente do Bico. Até hoje lembramos de quanto eu gostava de ficar lá, acho que era pela curiosidade de como ele foi formado, por quem e entre outras perguntas. O Bico é, para mim, muito especial, pois sempre que passo por lá, depois de tantos anos, lembro-me de quando era pequena. É bom saber que um "monumento" como esse fica aqui bem pertinho da gente (Dafne Duani Pereira da Silva).

O porto sempre me chamou a atenção. Não faz muito tempo, era normal poder entrar e dar uma volta por ali, era um passeio muito bacana. Mas, claro, o mundo evolui e por questões de segurança não é mais permitido entrar no porto. Entretanto, algumas coisas não mudam: o som do apito ecoando por toda a cidade, os grandes navios se erguendo, imponentes, no fim da Av. Paulo Bauer (antiga Rep. Argentina) e, vez ou outra, por entre os prédios, podemos observá-los passando pelo rio, em pleno centro da cidade, como se fosse em uma avenida, para logo em seguida "estacionarem" ao lado da calçada. Poucas cidades portuárias proporcionam essa estreita ligação entre a população e os navios como em Itajaí (Renan Raul Pereira da Silva).

Eu tinha o costume de dizer que não era de Itajaí e sim do bairro São João, mais precisamente da rua Zé Quirino. Porque, quando eu era criança, se dizia que a mãe tinha ido na cidade, ou "lá em baixo". Uma alusão ao fato dela ter que ir ao centro receber o pagamento. E minha história com Itajaí foi sempre esta, a de partir e de voltar; fiz isso minha vida inteira. Este ano retornei ao bairro São João e é incrível, depois de algum tempo ausente, você encontrar as pessoas conhecidas e as conhecidas de vista. Nelas você sente a passagem do tempo: aquela senhora foi sua amiga de classe; dizendo, ninguém acredita que aquela outra era a moça mais bonita da escola e assim por diante. Devem pensar o mesmo de mim. De tão feio que era ficou até bonito. Mas há familiaridade nos olhares que nunca envelhecem, e amigos de infância, primos, tias e o tempo que dentro do bairro flui de outra maneira. Voltar ao bairro São João, de certo modo, é abrir um antigo álbum de fotografias (Antonio Carlos Floriano).

Cindré Luiz



Me lembro de que quando éramos crianças, brincávamos no centro, bem tranquilos. Morava na esquina da Rua Joinville com a XV de Novembro, e dali íamos ao Salesiano ou rodávamos por perto. Meu pai me levava para ir ver as descargas de peixe dos barcos; via aquele movimento todo e imaginava quando iria poder viajar em um barco daqueles. Também não me esqueço de quando minha mãe me ensinou a andar de bicicleta: tinham recém-feito a calçada do Caminho de Sodegaura, com as placas com trechos do Hino de Itajaí a cada cem metros. Sou grato demais por ter nascido e me criado nessa cidade (João Paulo Kowalsky).

O relato de um fato histórico por um cidadão dá visibilidade a uma partícula da história, que repercute de diferentes formas no meio em que se vive. E acaba abrangendo um contexto sócio-cultural quase que ilimitado em termos geográficos. Igual importância tem o fato e o seu relato, no aspecto específico da constituição deste cidadão como sujeito, através da sua expressão aqui publicada! Por isso, qualifico este espaço aberto pela Comissão dos 150 Anos de Itajaí para contarmos a nossa história. Ao ler os relatos, integro-me eu, integras-te tu, partículas a mais, às vezes desconectadas, e que podem contribuir na atualização da história de cada um e da história local (Márcia d'Ávila).

Era no ano de 1988. Pela primeira vez eu conheci o estádio Marcílio Dias num evento de bingo. Lembro que fui com meus pais, levamos as cadeiras de praia e sentávamos sobre o gramado, acompanhando as rodadas. Não era durante o inverno, era no período de verão (Rodrigo Luiz).

Em Itajaí todo mundo tinha um apelido. Toco, Guêgo, Sorriso, Pereba, Malmita, Zéca Cabeça, Paleca, Pepino, Galo Cego, Jilica, Nano, Mimo, Deléia, Dico, Calinho do Parque, Calinho Mecânico, Má, Tau, Tédinha, Cagança, Neném, Alvinho, Curreca, Nato, Piqueno, Toró, Faisão, Cuzinho, Cebola, Nêgo Di, Nêgo Sóca, Delinho, Tazar, Dinho, Prego, Curru, Perninha, Mazinho, Lando, Pitoco, e mais uma dezena. É claro que eu também tinha apelido. Na verdade é um desses aí. Quero ver agora quem adivinha (Antonio Carlos).

Olá! Estou escrevendo para divulgar o Twitter que criei sobre os 150 anos de Itajaí, gostaria de saber se é possível divulga-lo no portal. Este twitter tem por objetivo divulgar as principais notícias do dia sobre a cidades, as notícias divulgadas são as mesmas que constam no site da prefeitura, o twitter é apenas mais uma ferramenta de comunicação entre a prefeitura e comunidade em geral, visto que muita gente aderiu ao twitter como forma de comunicação. Todos os dias no período noturno (horário de maior acesso ao twitter) faço uma seleção das principais notícias do dia (principalmente aquelas relacionadas aos eventos dos 150 anos de Itajaí) e divulgo no Twitter. Agradeço desde já pela compreensão e se possível divulgar o endereço no portal: <http://twitter.com/Itajai150anos> (Paulo Sérgio Cabral).

Nasci em Itajaí, na Vila Operária, e depois fui morar na Rua Samuel Heusi, centro. Na adolescência fui morar na Barra do Rio, perto da Fábrica de Papel, onde meu pai trabalhava. Desde criança eu gostava muito da minha terra. No tempo da guerra, meu pai comprou um terreno com uma pequena casa na Praia de Camboriú, onde passávamos as férias todos os anos. Depois de alguns dias na praia, sentia muita falta de Itajaí e pensava: Ah! se eu pudesse, eu só queria ir até lá no topo do Morro Cortado só para olhar a cidade e matar a saudade! (Marlene Rothbarth).

Nasci e me criei na rua São Paulo, no São Judas. Lembro-me quando calçaram a rua... eu era bem pequena - devia ter uns três ou quatro anos - mas, foi uma festa: era areia, lajota e a gurizada da rua fazendo bagunça e se divertindo para valer nos montes de areia. Naquela época, qualquer coisa virava brincadeira. Hoje, as crianças não sabem realmente brincar: precisam da tecnologia ou de brinquedos sempre novos; não há muita criatividade ou oportunidades para isso. Na simplicidade, éramos mais felizes. Hoje, sou professora e por opção, escolhi trabalhar com a Terceira Idade no CCI do São Judas, com Grupos EJA. Com eles, aprendo todos os dias o valor das pequenas coisas, o valor do tempo e de que não há tempo a perder, e ainda: "meus" idosos são um acervo vivo da nossa história! Melhor do isso... impossível! (Iná Mirna Ponciano Pereira).

Itajaí era apenas um nome ao Leste da cidade onde nasci. Foi no ano de 1993 que a conheci: primeiro, a universidade e o Bar do Tulipa, bem em frente a Univali, onde os bolinhos de carne (chamados de "Jesus me chama") eram divididos com o cachorro Bili; depois, e aos poucos, alguns bairros (com seus habitantes, fixos ou flutuantes). O Mercado Público e o Centro de Abastecimento (Mercado do Peixe), cosmopolitas, até hoje "cervejam" sabores ímpares. O Bar da Trudi ainda planava no costado da Av. Rep. Argentina (hoje Paulo Bauer), preenchendo a timidez da casa dos Asseburg; e no coreto da praça, o ponto da cabala: violão e cachaça. E daí para a Igreja da Imaculada Conceição e a Matriz, bem como a antiga Capela de Santa Ana, rebatizada Terezinha: triunvirato para, nas vagas das marés, serem suportes da fé... e a Procissão dos Navegantes e o multicolorido Corpus Christi - o canto da Verônica, na Procissão do Senhor dos Passos... A cidade é bonita, sempre é, em seu amanhecer e anoitecer, quando o sol ilumina o rio e brilha sobre ela (para um daltônico, sempre é curioso ver as cores e adivinhá-las). Nos meses de novembro e dezembro, ainda é possível ver a explosão viva dos garapuvus entre o Morro Cortado e o Morro da Cruz: um aceno de luz e de vida a nos dizer bom dia (fecundidade feliz, decerto, porque Oxum a expia). E o rio é sempre uma palavra entoada com o coração: os barcos e navios na cruzada salobra da barra fazem a festa aos olhos de qualquer pessoa. Existe ainda muito mais para se escrever e, embora esta resenha seja pequena, ainda cabe um poema (uma oração): esse clamor de viver Itajaí a vida inteira (Rogério Lenzi).

Nasci em Itajaí e minha infância passei na rua Silva, pertinho do Café Sombreado, da vendinha do seu Polibio, da venda do sr. Paulo da Beleti. Meu avô, sr. João Delfino, tinha uma fábrica de esquadrias, onde eu passava horas brincando no monte de sipilho e pó de serra. A Rua Indaial era a rua do trilho da estrada de ferro, por onde eram transportadas as madeiras para exportação. Meu pai, Sr. João Reis, trabalhava com um

caminhão Alfa-Romeo (FNM)1958, na Casa Vitória, na Rua Brusque, onde, por muitos e muitos anos, ia a São Paulo, Porto Alegre e nNrte do Brasil (tudo chão batido)em busca de mercadorias para serem comercializadas em nossa cidade... quantos banhos no rio pequeno, quantas travessias na bateira do Minela... muito tempo depois construíram uma ponte pênclil, pois do outro lado do rio era o Vassourão (hoje, este grande bairro São Vicente). Muitas vezes fui morar fora de minha Itajaí, para ganhar minha vida e sustento, e sempre pedia a Deus que me desse uma oportunidade de ter um trabalho descente e, por fim, ficar aqui de vez. Fui atendido, pois cada vez que eu saía e passava a divisa das cidades, meus olhos se enchiam de lágrimas e meu coração ficava apertado. Amo minha cidade e sou honrado de ser peixeiro como esse povo tão abnegado e lutador. Itajaí, aqui nasci e aqui quero morrer. Parabéns, minha cidade, parabéns cidadãos que aqui apostaram suas vidas e seus sonhos (João Luiz dos Reis Filho).

Relembrar, voltar aos tempos vividos é viver novamente. Assim relato episódios acontecidos em nossa cidade... Lembro-me bem das casa antigas e dos comércios da Rua Hercílio Luz, do querido Banco Inco - onde trabalhei por sete anos; lembro-me quando fazíamos "fute" (footing)- termo usado antigamente nos passeios, onde os moços ficavam encostados nas paredes das lojas e nós, as mocinhas, passeávamos de um lado para o outro, flertando. Quantos namoros assim começaram! No comércio havia a Casa Zatar, a loja para crianças Casa Printz, a Loja Zimmerman, as Casas Pernambucanas, a Churrascaria Pau do Meio, a loja da Dona Cotinha, a casa de alimentos do Sr. Euzébio, enfim, a rua Hercílio Luz era completamente diferente, pois nem calçamento existia! Nosso prefeito, na época, era o competente Sr. Lito Seára. Enfim, estas são algumas recordações que, de momento, vieram à minha lembrança... (Rosita Maria Olinger).

Estou emocionada por vivenciar um momento tão importante que é a comemoração dos 150 anos dessa cidade belíssima. Nasci em Itajaí e tenho muito orgulho por morar aqui. Muitas emoções aconteceram comigo: estudei na Univali e hoje sou, orgulhosa, professora de Educação Infantil. E posso dizer, Itajaí, que faço parte dessa História (Rose Alexsandra Lana).

Cheguei nessa cidade maravilhosa aos 6 anos; vim morar no antigo Vassourão (havia mais ou menos 15 casas). Plantamos muitas melancias e aipim na Estefano José Vanolli e colhíamos pimenta lá na Toca da Raposa(Rio Bonito) para fazer vidros de conserva e vender. Ponte na final da Heitor Liberato, nem pensar: minha irmã, que hoje é enfermeira do P.A. São Vicente, é quem dava passagem de bateira. E muitas outras histórias teria para contar. Feliz por ser funcionária e por ver nossa Itajaí crescer. Parabéns para todos nós (Dolores Gonçalves Fernandes).

Por acaso eu nasci em São Paulo pois à época, meus pais(Francisco Júlio Wippel e Mathilde Santangelo Wippel) lá residiam. Ao retornarmos, pelos idos de 1951, fomos morar na

casa da minha avó (Paula Santangelo) em frente a Praça Vidal Ramos, onde hoje fica a Drogaria Catarinense. Ali funcionava a Casa Santangelo e o Café do Comércio - o café dos desportistas, do meu pai. Ele, corintiano fanático, colocou ali um placar onde eram expostos os resultados dos campeonatos de futebol em andamento e onde aos domingos se reuniam torcedores para "ouvir" pelo rádio as narrações futebolísticas, torcer, vibrar ou se ressentir com seus times. Eu e meu irmão Júlio José Wippel praticamente nos criamos entre aquela casa, a pracinha dos nossos folgedos e o café, onde todos nos conheciam. Em 1954, fomos morar na rua Lauro Müller ("perto do Canziani" - era a referência). Eram poucos os moradores e a rua não era calçada; para nossa delícia só havia muito verde e áreas livres, a caieira do Canziani e o rio que batia no muro atrás de casa, onde uma bateira ficava amarrada. Ao terminarmos os deveres, podíamos ir ali pegar siri, tomar banho ou catar deliciosas "unhas de velho". Lembro-me que deixávamos uma sacola de tecido bordada pendurada na porta da casa e uma garrafa vazia para que a carrocinha de pão do Patiño deixasse pães crocantes e o leite pela manhã. Itajaí foi cenário da minha história e das minhas vivências: casei com um bairrista, João Américo Watzko, aqui tive e criei meus filhos (Fabiana, Francisco e Caroline) e como professora, ajudei a formar muitas gerações. Acompanhei o progresso chegar, a cidade se desenvolver e o futuro chegar. Parabéns, Itajaí de todos os itajaienses e os que foram por ti acolhidos! (Maria José Wippel Watzko).

O que está sempre em minha memória é a época em que estudei no Grupo Escolar Floriano Peixoto, onde a Diretora era a D. Zilda e as minhas primeiras professoras: primeiro ano D. Nair e, segundo ano, D. Olga Dutra, mulheres maravilhosas. Íamos fazer piquenique no Parquinho da Vila Operária e fazíamos os nossos desfiles de 07 de setembro no bairro, com aquele uniforme que eu gostava muito de usar: saia azul com pregas, blusa branca, tênis azul e meia branca 3/4. Esta era uma época onde os alunos respeitavam os professores e os pais acompanhavam a educação escolar de seus filhos. Aprendi muito com estes professores do primário e ginásio, muito obrigado a todos! Tenho muito orgulho em ser uma cidadã itajaiense e feliz em cooperar com serviços voluntários públicos nesta cidade. Parabéns Itajaí! (Márcia Regina Rosa).

Ah! Itajaí, minha cidade, porto seguro; toda vez que penso em sair daqui ao mesmo tempo já penso na volta. O retorno é sempre gratificante, não troco este encanto por nada deste mundo. Lembro-me da minha velha cidade, das estradas de ferro, dos trilhos da Fazenda, mais precisamente, agora em construção, o terminal rodoviário. Ali morava minha avó paterna, tempo de estripulias, do caminho de ida e vinda da escola, saltitando por meio dos trilhos. Adorava quando a carroça de pão passava e eu pulava da varanda da casa de minha querida avó. Até parece que ainda sinto o cheiro do pão quentinho e das demais guloseimas. Que saudade do bate-bate na carroça, da minha infância e da minha velha cidade (Andréa Cristina Sarmiento).

Nasci em Itajaí. Na época, meus pais residiam em Piçarras e como lá não existia hospital, minha mãe veio para Itajaí para me ganhar; na época era o Hospital Santa Beatriz. Em 1960, nos mudamos em definitivo para Itajaí, vindo a morar na rua Brusque, nº 117, fundos. Hoje a rua se chama João Melo e fica localizada ao lado do escritório da Petobras. Fui alfabetizado no Grupo Escolar Victor Meirelles, sendo a minha 1ª professora a Dª Orbélia Capella. Terminei meus estudos na Escola Técnica de Comércio

de Itajaí, mais conhecida como Colégio do professor Morisco. Lembranças da época: as peladas (jogo de futebol) do campo da Tecida; campo do supilho (onde hoje é o fórum e o antigo fórum, repectivamente) e brincadeiras que eram feitas no pasto do Sr. Nino Tédeo, onde hoje está localizado o Supermercado Angeloni. Tempo bom que não volta mais. Além de ser peixeiro nato, ao acessar a listagem dos vereadores de Itajaí, pude observar que no período da República Nova (1936 à 1937) o nome de CECILIO FILEMON (o correto é PHILEMON) DE OLIVEIRA, meu avô; JOÃO FELIX DE ANDRADE (1951 à 1954) era meu tio, casado com a tia Taci, irmão de meu pai, TELÊMACO FILEMON (o correto é PHILEMON) DE OLIVEIRA, mais conhecido como Bibico, era meu tio também, irmão de meu pai, além de ser um peixeiro nato. Fico muito feliz em saber que meus antepassados contribuíram para o desenvolvimento de nossa terra natal. Parabens, ITAJAÍ, pelos seus 150 anos (Cecílio Philemon de Oliveira Neto).

Nasci na maternidade que ficava no início da rua que vai para Cabeçudas. Hoje não existe mais. Estudei no Colégio Salesiano e na Escola Técnica de Comércio de Itajaí. Estou fora desde 1975, atualmente em Curitiba. Vou, sempre que posso, matar a saudade da minha Itajaí. Meus familiares já estão cientes que, quando da minha morte, quero ser cremado e que as cinzas sejam jogadas nas águas do Itajaí-Açú, na saída para o mar. Feliz aniversário, Itajaí (Paulo Roberto de Oliveira).

Embora não viva hoje em Itajaí, ainda carrego no coração todas as boas lembranças do lugar onde nasci. Criado em Cordeiros, estudei ali no Dom Afonso Niehues, onde aprendi grandes lições que trouxe para a minha vida. O porto, as praias, o Marcílio, o Mercado de Peixe, a Matriz, nosso sotaque ímpar e até a simpatia do "Negó Dico" são as marcas registradas de um povo que vive cada dia em um lugar mágico e fantástico, pois vislumbrar o amanhecer e o anoitecer, as ondas da praia, a união das águas do rio com as do mar, são um presente de Deus que está há 150 anos abençoando nosso maravilhoso povo. Parabéns a Itajaí e a todos os itajaienses, e que esta história de amor perdure por muitos 150 anos... (Fernando Vieira).

Em Itajaí fui criada e em Itajaí quero criar meus filhos. Aqui temos trabalho, diversão e cultura. Bela e formosa. Sou feliz por morar em um lugar em que muitos desejam passar as férias! (Alexandra Felício).

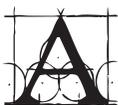
Nasci e cresci em Itajaí. Quando pequena, as ruas de minha cidade eram poucas para nós, pois brincávamos muito por todas elas. Estudei sempre no Colégio São José, era atleta como meu pai - Heluiz A. M. Gonzaga. Minha mãe, dona Euclere - como a chamavam seus alunos - ensinou a muitos, pois foi professora e diretora em nossas escolas municipais. Que saudade! Nasci com deficiência física na mão esquerda, e Itajaí me acolheu e deixou que eu participasse da vida de seu povo como uma pessoa normal. Sou muito grata a nossa cidade por todos os momentos em que nela vivi (Heliza A C Gonzaga Censi).



## **A cidade: os espaços privados, as experiências do viver: um olhar sobre a cultura de Itajaí**

*Edison d'Ávila*  
*Historiador*

As cidades (assim como Itajaí) têm merecido nestes tempos de pós-modernidade atenção especial de estudiosos, tendo em vista a importância de seus fenômenos urbanos, os quais podem ser entendidos a partir de duas visões básicas, para cuja compreensão utilizo as contribuições do historiador Antônio Edmilson Martins Rodrigues, na sua conferência "Cultura Urbana e Modernidade: um exercício interpretativo\*."



PRIMEIRA PERCEPÇÃO DA CIDADE É FEITA A PARTIR DAS POLÍTICAS URBANAS, QUE IMPLICAM em mais controle social, recurso à racionalidade do espaço urbano pelo planejamento dito técnico, o afastamento dos tumultos urbanos, chegando mesmo à idealização de uma não-cidade controlada e homogeneizada, tanto urbana quanto ideologicamente. O segundo modelo de perceber a cidade está ligado ao entendimento de que o espaço urbano é o lugar onde as ações dos indivíduos estão limitadas pelas ações do poder público; isto é, "a cidade pertence ao governo", como se os espaços urbanos fossem construídos tão simplesmente pela combinação de elementos naturais.

Estas duas percepções ora se apresentam simultaneamente, ora em separado, mas sempre estão visíveis no pensamento e na ação de quem gerencia a cidade. Acontece que elas são maculadas por um erro incomensurável. Elas se esquecem que, ante a cidade visível, construído da racionalidade e do querer governamental, há, claramente perceptível a nós outros, uma cidade invisível, com as marcas sociais características, rastros humanos diferenciados, referências históricas à "alguma tradição ou a algum fato que a indica como lugar de conquista "e de "vitória sobre algo".



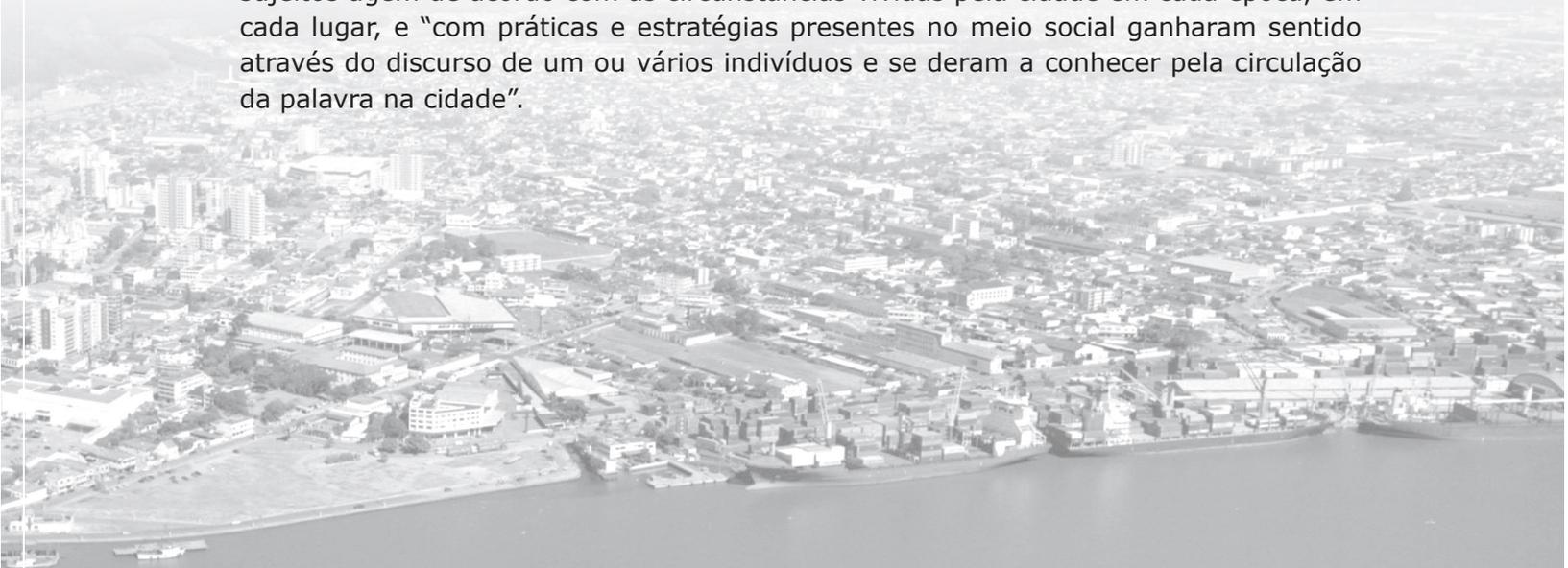
Para se compreender a cidade, sem equívocos, mesmo que se tenha a pretensão de ser muito racional, é preciso ver a "invisibilidade da cidade" ou conforme E. Hall, citado pelo professor Antônio Edmilson Martins Rodrigues, a "dimensão oculta". Um espaço urbano não visível a olho nu, "mas o lugar onde se processam todas as relações e adquirem sentido os movimentos sínteses entre tradição e inovação".

Para se perceber esta cidade invisível existem muitos caminhos. Um deles, seguindo as indicações do já citado professor e historiador, é o da associação entre cultura e história, "privilegiando as ações, os atos e as criações". Então, leva-se em conta, em primeiro lugar, a cultura da cidade, compreendida "como resultado das simbolizações que os homens fazem, em tempos e espaços particulares, de suas experiências de viver e que atribuem, nesse movimento, sentidos e significados às coisas que estão no mundo"; e, portanto, poder-se-à dizer, muito acertadamente, que "o universal está nas ações dos homens".

A história da cultura de Itajaí está repleta de ações, de atos e de criações de itajaienses que, em tempos e espaços seus, simbolizaram suas experiências de viver, dando sentido e significados às coisas que pensaram e fizeram. Buscar compreendê-las é se pôr em sintonia com a cidade invisível ao olho nu dos "planejadores do futuro", sempre à disposição de todos os governos.

Nos limites deste artigo, pretendo demonstrar o quanto a esfera privada tem agido no campo cultural itajaiense, criando bens e deles cuidando, enquanto a esfera pública tantas vezes não vê a necessidade que tem a comunidade de ações na área da cultura, porque gestores públicos não alçam àquela "dimensão oculta" da cidade. Assim sendo, não se justifica, portanto, a desproporcional assimetria que ora a cultura tem do poder público.

Os tempos e espaços particulares em que os grupos sociais itajaienses se movimentaram na busca de realizar experiências criativas de viver, de dar significados às coisas em que estavam imersos, já perduram por mais de um século e vão das casas particulares aos grupos de vizinhança, aos movimentos e às organizações sociais. Estes sujeitos agem de acordo com as circunstâncias vividas pela cidade em cada época, em cada lugar, e "com práticas e estratégias presentes no meio social ganharam sentido através do discurso de um ou vários indivíduos e se deram a conhecer pela circulação da palavra na cidade".



Desde muito tempo, as famílias e os grupos sociais em Itajaí cultivam festas e tradições populares ricas em ternos-de-reis, fogueiras de São João, paus-de-fita, bois-de-mamão, brincadeiras de boi. Elas envolviam, anos atrás as diferentes classes sociais e eram acolhidas em casas de ricos e de pobres. Prova disso são os registros escritos em jornais e memórias de época.

Concomitante com a presença deste rico patrimônio de cultura instituinte, dos grupos de vivência, no final do século XIX, quando o comércio madeireiro se consolidou e uma parcela da população enriqueceu, criaram-se os primeiros corpos cênicos; de início, em casas particulares e, depois, em clubes. Foi, assim, o teatro a primeira atividade de cultura instituída da cidade. Em seguida, em 1900, pela iniciativa de letrados e mecenas surge o Grêmio 3 de Maio e a primeira biblioteca aberta ao público, posto que privada. Duas décadas depois, acontecia a célebre conferência, cuja palavra desveladora da origem da "Pequena Pátria" fundou a historiografia itajaiense. Ainda decorrente das transformações econômicas e sociais do ciclo madeireiro, nos anos 40, a iniciativa de um grupo jovem de classe média cria o Centro Cultural de Itajaí, que promoveu ciclos de palestras e apresentações artísticas, editou livros, organizou sala de leitura aberta ao público e intentou mesmo construir edifício para Museu e Biblioteca.

As décadas seguintes de 1950 e 1960 foram de ascensão e queda das iniciativas culturais de grupos e de indivíduos da cidade empolgados com a produção e a difusão da arte na suas diferentes expressões. A circulação de cultura na cidade era, então, feita nas páginas dos jornais, nos programas de rádio, nos anuários, nos grupos de teatro amador, de dança, de música, nas mostras de arte.

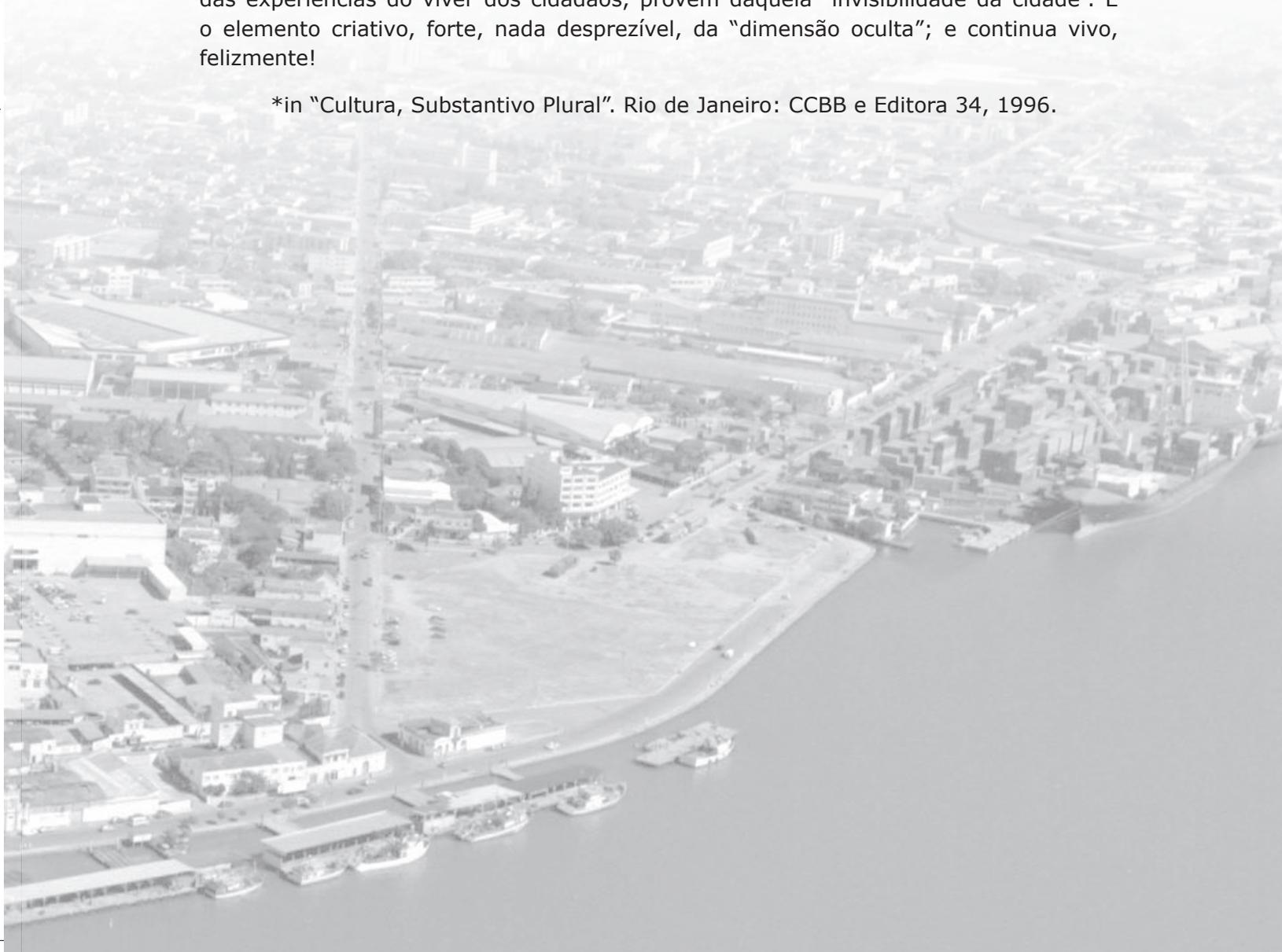


Um exemplo singular de iniciativa particular, de um só indivíduo, foi a criação dos Festivais de Inverno em 1973. Eles, por dez anos, praticamente obrigaram o poder público a vir junto, mas as idéias e as mãos que os realizavam a cada edição eram sempre de um único e quixotesco agitador cultural. Seus frutos foram tantos que motivaram o surgimento de grupos de música e canto, museu, escolinha de arte, casa de cultura. Os Festivais de Inverno feneceram aqui quando políticas públicas obtusas venceram o entusiasmo criativo de seu idealizador.

Por fim, para não ir muito longe, é preciso que se registre ainda o avanço dos movimentos sociais ligados à cultura na década de 1990. Neste decênio eles se organizaram melhor, foram às ruas, confrontaram-se abertamente com o poder público, reivindicando direitos e cobrando providências. Assim o foram o movimento Pró-Casarão Malburg, quando aquele prédio histórico ameaçava desaparecer; a defesa do entorno da Matriz, quando ali se quis construir um descabido posto telefônico; a campanha "Itajaí tem talentos, mas não tem teatro"; cobrando a construção do Teatro Municipal; o solidário "Abraço no Museu", para que não fosse despejado do Palácio Marcos Konder.

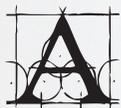
Todo este potencial de se articular e agir culturalmente a partir do privado e das experiências do viver dos cidadãos, provém daquela "invisibilidade da cidade". É o elemento criativo, forte, nada desprezível, da "dimensão oculta"; e continua vivo, felizmente!

\*in "Cultura, Substantivo Plural". Rio de Janeiro: CCBB e Editora 34, 1996.



## Monumento dos 150 anos do Município de Itajaí

*Marcos Konder Netto*



CIDADE DE ITAJAÍ ESTÁ SITUADA ÀS MARGENS DO RIO ITAJAÍ-AÇU E VOLTADA para o Oceano Atlântico. Sendo importante porto, acolheu no passado e hoje ainda acolhe com simpatia todos os novos moradores, visitantes e turistas.

Embasado nestas primícias, o arquiteto Marcos Konder Netto ofereceu a Itajaí o projeto arquitetônico de um monumento que assinalasse a passagem do Sesquicentenário de Itajaí, no ano de 2010. A Comissão Comunitária de Comemorações dos 150 Anos do Município de Itajaí, tendo recebido o projeto, aprovou-o, assim como o Prefeito Municipal. A obra então foi realizada como um presente do autor do projeto e de empresas para a cidade de Itajaí.

Ao invés de propor simplesmente um marco ou padrão, o arquiteto optou por criar um espaço virtual, balizado por um elemento vertical de concreto armado com 12 metros de diâmetro e um espelho d'água.

Os dois segmentos da viga em balanço estão sustentados em sua porção mediana por tirantes de aço fixados por pilar central. No centro do espaço virtual será fixado no piso uma placa circular com os dizeres: **Espaço do Sesquicentenário de Itajaí.**

O monumento tem o seguinte simbolismo: o pilar central representa Itajaí. Neste pilar encontra-se engastado um volume em forma de prisma de concreto armado onde estão gravadas inscrições alusivas ao Sesquicentenário e os nomes das empresas que o construíram como doação à cidade.

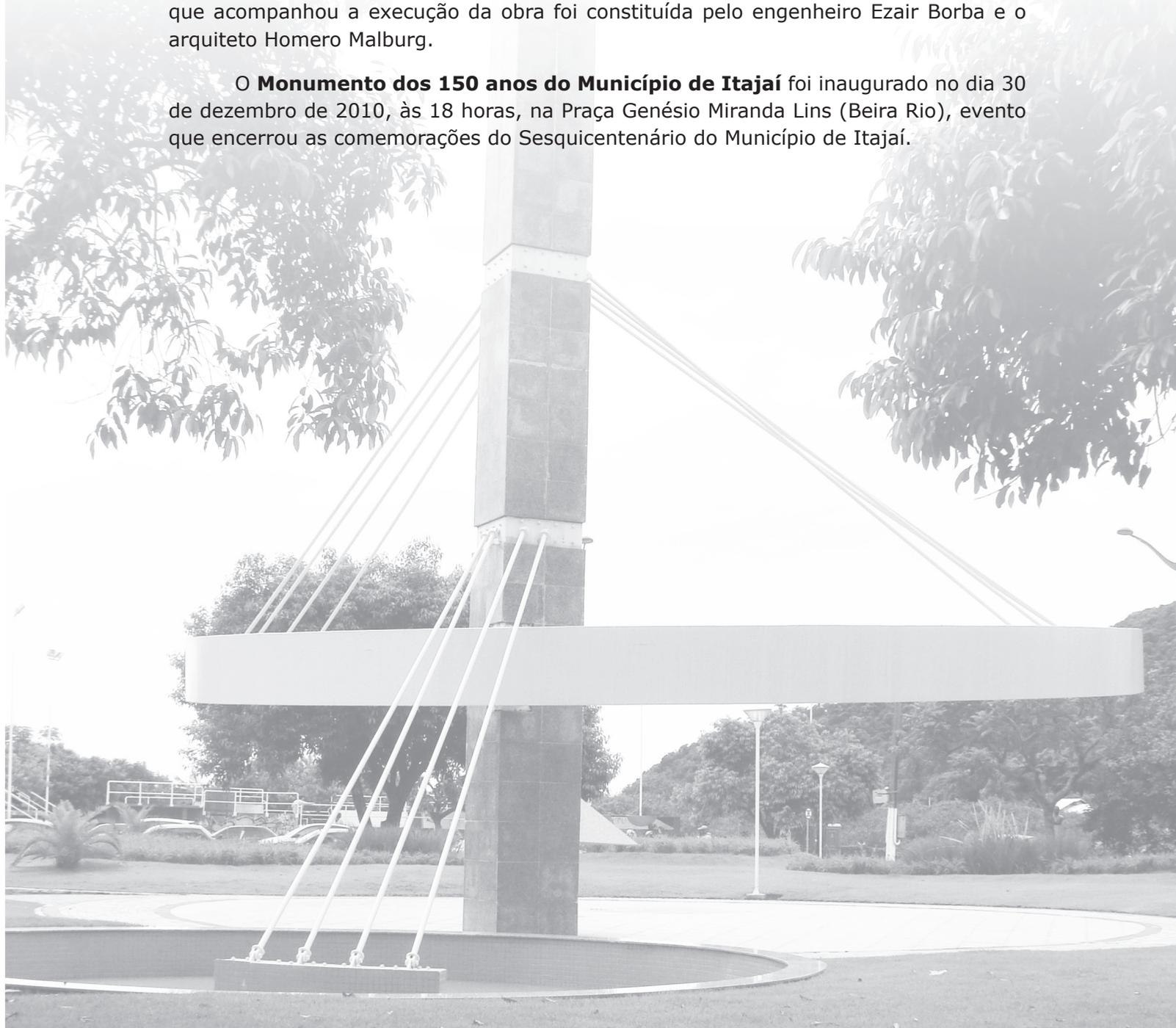
Os dois ramos da viga semicircular representam cada qual um dos acidentes geográficos que definem a posição da cidade, quais sejam, o Oceano Atlântico e o Rio Itajaí-açu. Os dois segmentos da viga em balanço sugerem também ao espectador, que vê o monumento de frente, dois braços a acolher os visitantes, navegantes e moradores.

O pilar central está revestido com granito marrom claro e a viga de aço está pintada na cor gelo. Todo o conjunto arquitetônico é circundado por áreas reurbanizadas na Praça Genésio Miranda Lins, o que significa alterações de pavimentos, jardins e equipamentos públicos, bem como a realocação de árvores.

O autor do projeto descende de família itajaiense e reside no Rio de Janeiro. É arquiteto formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil e sua obra mais conhecida e celebrada é o **Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial**, no Aterro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro.

A construção somente foi possível graças à parceria da Prefeitura Municipal de Itajaí com as seguintes empresas: Cassol; Pitz Fundações; PJ Engenharia, Sinduscon/Itajaí, através das empresas: Abdo Construtora; Brava Beach; Bravacon; Cativa Construtora; Êxito Incorporações; Mirante Construções; Procave; Racitec; Supertex; Construtora Triunfo; Serveng/Civilsan; Constremac Construções; AcquaPlan; APM Terminais Itajaí; Beck de Souza Engenharia; Coral Sub Serviços; Estel Engenharia; Oceânica Engenharia; Teporti Terminal Portuário; BRF – Brasil Foods. A equipe técnica que acompanhou a execução da obra foi constituída pelo engenheiro Ezair Borba e o arquiteto Homero Malburg.

O **Monumento dos 150 anos do Município de Itajaí** foi inaugurado no dia 30 de dezembro de 2010, às 18 horas, na Praça Genésio Miranda Lins (Beira Rio), evento que encerrou as comemorações do Sesquicentenário do Município de Itajaí.



## **Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Itajaí-SC: 1870-2010 140 anos servindo ao Senhor com Alegria**

*Jorge Roberto de Souza. Presidente da Comunidade Evangélica  
de Confissão Luterana de Itajaí*



OCORRIA O ANO DE 1830. A EUROPA COM SEUS PROBLEMAS SOCIAIS DE TODA ORDEM, LEVA SEUS habitantes a migrarem para varias partes do mundo. Animados pelo Governo Brasileiro, por empresas especializadas e por oferecer boas condições naturais, o Brasil foi um dos destinos preferidos para os europeus. Assim como ocorreu em vários pontos do Brasil, a Foz do Rio Itajaí-Açu foi o caminho de entrada para muitos imigrantes. Cidades como Brusque, Blumenau e depois todo o vale e alto vale do Itajaí receberam imigrantes que entraram pela nossa cidade.

Em 12 de Julho de 1870, 10 anos após a fundação do município de Itajaí, um grupo de imigrantes, que a exemplo de outros, fixou residência por aqui, formou uma comissão com o intuito de fundar uma comunidade. O primeiro ideal era aquisição de um terreno para construção de templo e cemitério. Estava fundada assim a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Itajaí.

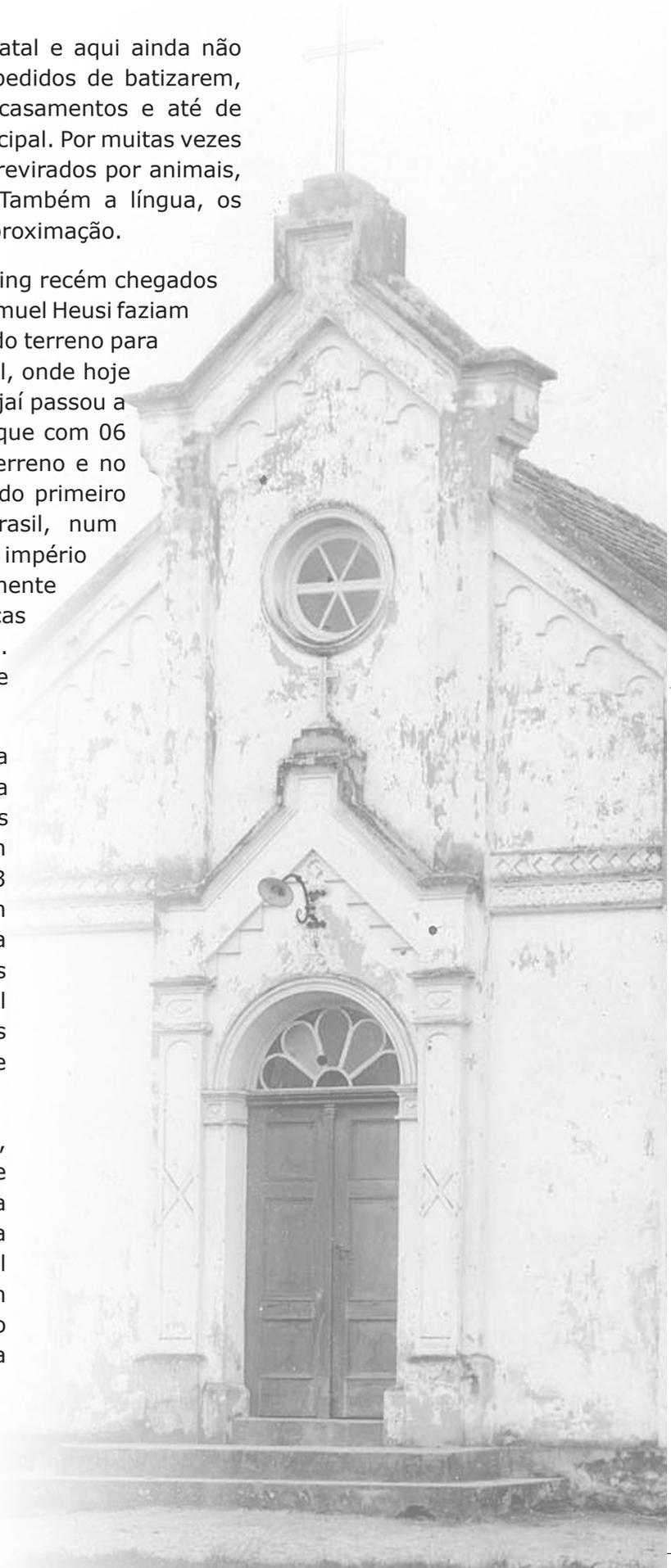


Eram protestantes em sua terra natal e aqui ainda não existia oficialmente este credo. Eram impedidos de batizarem, confirmarem seus filhos, de realizarem casamentos e até de enterrarem seus mortos no cemitério municipal. Por muitas vezes tiveram o túmulo dos seus antepassados revirados por animais, por não estarem num lugar adequado. Também a língua, os hábitos e costumes impediam qualquer aproximação.

Karl Hugo Praun e Hermann Willerding recém chegados da Guerra do Paraguai, Wilhelm Muller e Samuel Heusi faziam parte desta comissão. Em 1871 foi adquirido terreno para o cemitério ao lado do Cemitério municipal, onde hoje está o Hospital Menino Jesus. Em 1890 Itajaí passou a receber assistência do pastorado de Brusque com 06 cultos anuais. Em 1891 foi adquirido o terreno e no dia 08 de maio foi iniciada a construção do primeiro templo. E para complicar, estava o Brasil, num momento de transição, entre o final do império e início da República, onde era praticamente proibida a construção de igrejas não católicas nos padrões atuais, com torres e sinos. Reunião de pessoas, só com autorização e pior ainda se fossem imigrantes.

Desafios não faltaram na vida desta comunidade. Tudo corria bem. A República estava se consolidando e as mudanças acontecendo. Como se não bastassem os problemas locais, por volta de 1913 eclodiu a primeira guerra mundial. Num momento em que a Comunidade começava a organizar-se com seus próprios recursos eclesiásticos, surge uma guerra mundial envolvendo a nação alemã. Foram longos 10 anos até 1923, onde absolutamente nada pode ser feito.

Somente por volta do ano de 1923, quando os ânimos foram serenados e o mundo começou a reorganizar-se, a comunidade voltou a constituir nova diretoria, as palmeiras da frente do atual templo foram plantadas, novas terras foram adquiridas do Srs. Antonio Cunha e Bruno Malburg ampliando a área de ocupação da comunidade.



Em 1934 em razão do crescimento da cidade um Cemitério Municipal maior foi preparado no bairro da Fazenda, com um espaço destinado a comunidade Luterana, onde foi permitido o sepultamento de luteranos e católicos juntos dentro do mesmo espaço.

Novamente em 1938 com a Segunda Grande Guerra Mundial as coisas voltam a ficar muito difíceis. Desde 1870 até então, todos os Pastores eram alemães e naturalmente os cultos eram em alemão. E o foco da segunda guerra era novamente a Nação Alemã. Novamente as atividades na igreja foram interrompidas. Durante dez anos intermináveis, todos que pertenciam a algum clube, igrejas denominadamente alemãs foram perseguidos. O termo alemão era genérico: o simples ato de falar outra língua que não fosse português, era taxado de alemão. Havia suíços, austríacos, belgas, húngaros, italianos. Todos eram proibidos de se reunirem, de manifestar-se.

Documentos eclesiásticos foram recolhidos. Igrejas saqueadas, Pastores presos, livros, revistas, qualquer documento que tratasse de alemães eram recolhidos pela polícia, destruídos e queimados.

Finalmente em 1947, passado o armistício, a Comunidade retorna a sua normalidade. Constitui sua diretoria e elabora seu estatuto. Volta a ter cultos realizados em português neste momento já por pastores brasileiros e já planeja a construção de um novo e maior templo. Finalmente em julho de 1960, juntamente com a comemoração do centenário do município, inaugura-se a igreja atual.

Em 01.03.1974 a comunidade com a vinda do Pastor Eugen Baltzer é transformada em paróquia. Cem anos se passaram até que a comunidade pudesse ter o seu pastor em tempo integral. Ao completar dois anos de trabalho, o pastor Eugen Baltzer infelizmente veio a falecer juntamente com sua esposa, vítima de acidente automobilístico.

Assim como fomos atendidos pelo pastorado de Brusque, também atendemos Balneário de Camboriu, desde 70 até 1988 quando este transformou-se em paróquia independente. As Comunidades da cidade de Piçarras e de Armação também já fizeram parte da paróquia de Itajaí, sendo igualmente atendidas por pastores de nossa comunidade. Atualmente fazem parte da Paróquia da cidade de Joinville-SC.

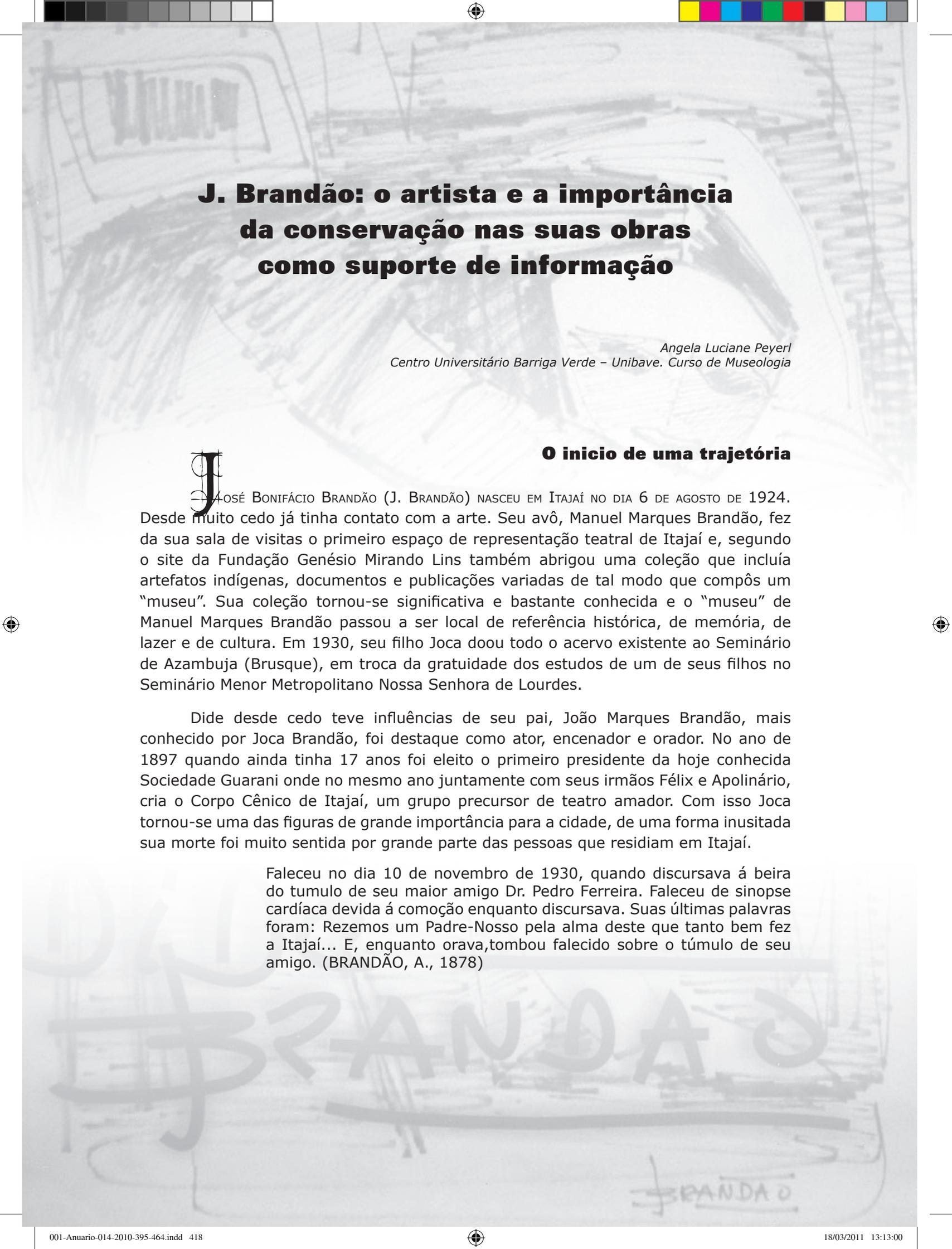


A partir de 1988 foi iniciado trabalho para novas comunidades na cidade de Navegantes, no Centro e no bairro de Gravatá. Tanto cresceram os trabalhos que em 2008 novo pastorado foi criado na comunidade de Navegantes Centro para atendimento exclusivo destas comunidades. Já existem estudos para que estas se transformem em paróquias independentes de Itajaí. Atualmente a Comunidade Centro de Itajaí trabalha no desenvolvimento de outra Comunidade no bairro de Cordeiros.

Pessoas como Samuel Heusi, homem público, atuou na direção do município como superintendente nos idos de 1900, esteve a frente da Igreja Luterana por cerca de 37 anos. Evaldo Germano Joaquim Willerding, deputado estadual e vereador, atuou na Igreja por cerca de 40 anos. Atualmente já temos famílias que ultrapassaram tranquilamente os 40 anos de serviços prestados a comunidade. Mesmo sendo em épocas diferentes, com desafios diferentes, o ideal permanece vivo nas pessoas e nas suas atitudes.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Itajaí está localizada à Rua Dr. Jose Bonifácio Malburg, nr 425. Na região a sede é em Blumenau. A nível de Brasil sua administração fica em Porto Alegre. É naturalmente vinculada por princípios cristãos, pelos ideais de Martin Luther e pela própria história à Igreja Evangélica de Confissão Luterana alemã.





## **J. Brandão: o artista e a importância da conservação nas suas obras como suporte de informação**

*Angela Luciane Peyerl  
Centro Universitário Barriga Verde – Unibave. Curso de Museologia*

### **O início de uma trajetória**

**J**OSÉ BONIFÁCIO BRANDÃO (J. BRANDÃO) NASCEU EM ITAJAÍ NO DIA 6 DE AGOSTO DE 1924. Desde muito cedo já tinha contato com a arte. Seu avô, Manuel Marques Brandão, fez da sua sala de visitas o primeiro espaço de representação teatral de Itajaí e, segundo o site da Fundação Genésio Mirando Lins também abrigou uma coleção que incluía artefatos indígenas, documentos e publicações variadas de tal modo que compôs um “museu”. Sua coleção tornou-se significativa e bastante conhecida e o “museu” de Manuel Marques Brandão passou a ser local de referência histórica, de memória, de lazer e de cultura. Em 1930, seu filho Joca doou todo o acervo existente ao Seminário de Azambuja (Brusque), em troca da gratuidade dos estudos de um de seus filhos no Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes.

Dide desde cedo teve influências de seu pai, João Marques Brandão, mais conhecido por Joca Brandão, foi destaque como ator, encenador e orador. No ano de 1897 quando ainda tinha 17 anos foi eleito o primeiro presidente da hoje conhecida Sociedade Guarani onde no mesmo ano juntamente com seus irmãos Félix e Apolinário, cria o Corpo Cênico de Itajaí, um grupo precursor de teatro amador. Com isso Joca tornou-se uma das figuras de grande importância para a cidade, de uma forma inusitada sua morte foi muito sentida por grande parte das pessoas que residiam em Itajaí.

Faleceu no dia 10 de novembro de 1930, quando discursava á beira do tumulo de seu maior amigo Dr. Pedro Ferreira. Faleceu de sinopse cardíaca devida á comoção enquanto discursava. Suas últimas palavras foram: Rezemos um Padre-Nosso pela alma deste que tanto bem fez a Itajaí... E, enquanto orava,tombou falecido sobre o túmulo de seu amigo. (BRANDÃO, A., 1878)



Dide Brandão era o décimo terceiro filho de uma família composta por quinze irmãos, segundo consta uma caderneta em que seu avô Manoel Marques deu início em 1878 e seu irmão Alcino deu continuidade após a morte de seu avô, sendo que desses quinze irmãos existem dois nos quais ele ignora as respectivas datas de falecimento (BRANDÃO, A., 1878). Iniciou seus estudos no Colégio São José em Itajaí (SC), aos 10 anos de idade já era autodidata até que anos depois resolve aprimorar sua técnica e iniciar seus estudos na extinta Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Inscreveu-se com uma produção em meio busto de Jesus Cristo, com moldura em madeira e gesso, decorada com motivos florais em alto relevo na cor dourada. A tela possui uma inscrição na parte inferior direita, datada de 1947 e em seu verso o seguinte dizer: "Querida Mamãe, com beijos de seu filho Dide". Atualmente a tela permanece na reserva técnica 02 do Museu Histórico de Itajaí, cedida em regime de comodato pela sobrinha do pintor.

Na Escola Nacional Dide foi aluno de Carlos Del Negro, Alberto Zaluar, Jordão de Oliveira, Visconde Cavaleiro, no período que vai de 1956 á 1960. Teve professores particulares como Carlos Chambelland no Rio de Janeiro de 1946 á 1949, Rodolfo Chambelland entre 1950 e 1951 também no Rio de Janeiro, Aldo Cardarelli em Campinas-SP de 1952 e 53 e por fim Caterina Bratelli no Rio de Janeiro de 1954 á 1956.

Dide adquiriu várias técnicas ganhou inúmeros prêmios dentre eles em 1952 uma menção honrosa no V Salão Municipal de Belas Artes - RJ, em 1953 no VI Salão de Belas Artes Sociedade de Artistas Nacionais uma Menção Honrosa, foi agraciado com o prêmio João Dault de Oliveira em 1953 com a obra o "Trabalho na Arte", sem contar que no ano de 1958 ganhou Medalha de Bronze no LX Salão Nacional de Belas Artes - RJ com a obra "Natureza Morta" a qual também se encontra em Reserva Técnica no Museu Histórico de Itajaí.

No início dos anos 60, Dide Brandão foi o vencedor do 1º Salão de Alunos da Escola Nacional de Belas Artes – Prêmio "Tribuna da Imprensa" no qual a obra uma aquarela em papel atualmente se encontra no fundo Família Brandão no Centro de Documentação e Memória Histórica (Arquivo Público de Itajaí) e no mesmo salão também ganhou o prêmio Escultura intitulado de "Três Marias".



## A vanguarda concreta na arte brasileira e seu contexto

Num contexto que abrange de 1945 á 1964 o Brasil passou por momentos únicos que foram marcos para o seu desenvolvimento, o processo de industrialização, urbanização e sem contar que no âmbito social, político e econômico passávamos por uma das mais importantes transformações que deram ao país um aspecto de “nova modernidade” e fazendo assim um ambiente propicio para o crescimento das artes e sua popularização.

O governo de Juscelino Kubistchek, cujo slogan era “50 anos em 5”, apresentava como finalidade, seu “Programa de Metas” que era modernizar o Brasil, trazendo as industrias multinacionais e criando a necessidade de bens de consumo para facilitar a vida das donas de casa. Com as maravilhas eletrodomésticas do mundo moderno (o ferro elétrico, liquidificador, a geladeira, aspirador de pó, máquina de lavar roupa, o rádio a válvula que deu lugar para o transistorizado (AM e FM), o rádio de pilha que já poderia acompanhar o ouvinte para qualquer canto, o disco de acetado, a televisor preto e branco e logo após a colorida).

Nos primeiros anos do pós guerra e a ditadura do Estado Novo, São Paulo e Rio de Janeiro viviam sua efervescência cultural. Nesse período, inovou-se a área das artes e prova disso é a inauguração dos Museus de Arte Moderna do Rio e São Paulo (1949 e 1948), da I Bienal de Arte de São Paulo (1951), onde pela primeira vez o Brasil fazia uma exposição de arte com eficaz repercussão internacional proporcionando ao público e artistas locais a contemporaneidade vinda do exterior, nos trabalhos de Niemeyer com Le Corbusier, e até a disposição de setores da burguesia de financiar a Cia. Vera Cruz numa tentativa de criar uma indústria cinematográfica genuinamente Brasileira.

Foi nesse período que os movimentos de vanguarda construtiva deram seus primeiros passos com o Grupo Frente do Rio de Janeiro e o Grupo Ruptura de São Paulo, ambos tinham em mente idéias ambíguas como o de desenvolver a emancipação cultural nacional diante as influencias que o país sofria artisticamente provindas das Europa. O que predominava esteticamente nesses grupos era o concretismo cuja arte abstrato-geométrica isentava de qualquer realidade imediata e tinha comprometimento social de integração e de educação da sociedade.

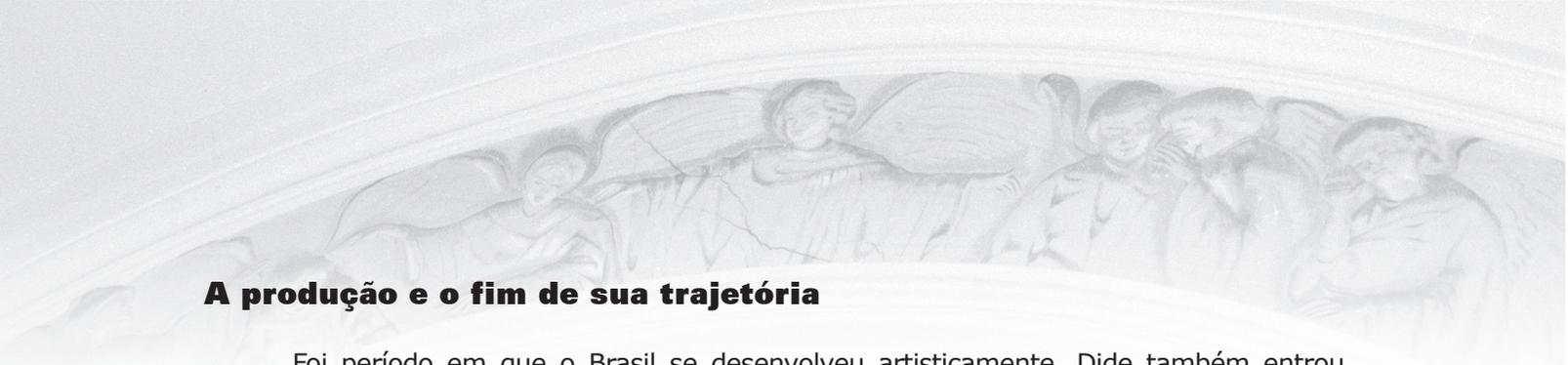


Em 1954 o artista plástico Ivan Serpa deu início ao Grupo Frente (RJ) que era composto basicamente por seus ex alunos da Escola de Arte do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro dentre os alunos faziam parte do grupo os hoje conhecidos Aloísio Carvão, Lygia Pape, Lygia Clark, João José da Silva Costa, Carlos Val, Décio Vieira e Abraham Palatnik. Esse grupo não correspondia o código estético rígido do concretismo, o que Ivan Serpa defendia era a liberdade de expressão em que cada um pudesse exprimir sua arte através das experiências vividas, era um grupo heterogêneo que reunia inúmeras poéticas sem se distanciar do verdadeiro propósito racionalista, pois estava inserido num país imerso no otimismo da industrialização.

Já o Grupo Ruptura (SP) deu início a uma relação contra as vertentes subjetivas na artes plásticas, criavam a partir de idéias encontradas na pintura abstracionista lírica, que segundo seu precursor Waldemar Cordeiro eram fundamentados na concepção pictórica anárquica, sem sentido visual e lógico podendo assim fazer de seus experimentos uma ligação com a Op Art movimento inovador para a época no Brasil.

O movimento concreto no Brasil atingiu à crise quando sofreram questionamentos na década de 60 acerca da ideologia desenvolvimentista foi onde a vanguarda começou a perder espaço, afinal alguns de seus artistas migraram para outro movimento com outras tendências o que é muito comum nesse meio, o experimentar um pouco de determinado movimento, de determinada técnica.





## A produção e o fim de sua trajetória

Foi período em que o Brasil se desenvolveu artisticamente, Dide também entrou em contato com outras manifestações artísticas, passou do academicismo ao modernismo pintava geralmente em seu atelier usou materiais em diversos suportes como: juta, tela, papelão e metal. Suas telas produzidas por ele mesmo e as molduras eram também armadas pelo mesmo, além da pintura em telas o artista fazia pinturas esculpidas em metal italiano, sem contar nos entalhes em madeira e nas peças em porcelana. Após a Escola Nacional de Belas Artes, Dide que passou a utilizar outras técnicas e passou por algumas fases como:

**Paisagismo:** no qual retratou a floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, cidade que residiu por muitos anos até se mudar para Brasília. Intitulou a obra de "Recanto Feliz" em que a paisagem se transpõe e faz com que a tela tenha uma impressionante perspectiva e a real expressão do recanto.

**Terceira Dimensão:** A tela intitulada "Copos de Leite" foi adquirida pelo então prefeito de Itajaí Paulo Bauer para sua sala na Prefeitura Municipal de e mais tarde doado a Fundação Genésio Miranda Lins. O quadro traz uma impressão que de os Copos de Leite estão saindo da tela.

**Rosas:** Tem características peculiares uma delas é que todas as rosas possuem uma gota de orvalho.

**Estudos em Branco:** Todas em motivos com ovos, um exemplo é a obra "Natureza Morta" premiada no Salão Nacional de Belas Artes. Aonde atualmente faz parte do acervo de arte do Museu Histórico de Itajaí.

**Quadros em Metal:** "Madona do Sol" em metal dourado e vermelho e "Lua" predominando a cor azul em fundo de metal prateado.

**Angélico:** "Os Sete Anjos" pintados em sépia na arcada da Igreja Imaculada Conceição em Itajaí, esta obra tem uma particularidade: o artista levou suas sete irmãs uma a uma para ver a obra recém concluída. Cada uma delas se identificou com um anjo não com a aparência, mas sim na personalidade.

Essa obra tem outra característica importante, quem vê a pintura imagina como uma escultura, mas a única forma em relevo é a mão de um dos anjos o mais curioso de todos os outros, o que se apóia no arco da igreja com o olhar baixo.

Dide Brandão fez sua primeira exposição individual em 1954 no Hotel Lux em Florianópolis passando depois disso por Blumenau no Teatro Carlos Gomes, em anos diferentes fez exposições em Joinville no Salão Harmonia Lyra, Lages no Salão Clube 14 de Junho, Curitiba no Salão da Biblioteca Publica do Paraná, em Brasília na Galeria do Hotel Nacional, novamente no Rio de Janeiro só que desta vez no Museu Nacional de Belas Artes.

No ano de 1955 retorna a Santa Catarina e faz sua primeira exposição em sua terra natal Itajaí, o local escolhido foi a Sociedade Guarani no qual sua família já tem um histórico desde a criação do local.

Até que em 1963 Dide se transfere do Rio de Janeiro para Brasília e inaugura sua galeria de arte a Banga, nome do qual se originou de uma casinha que seu pai construiu no fundo do quintal de sua casa na qual se deu as primeiras criações. A galeria Banga era o local de referencia em arte na capital federal onde também Dide Brandão fundou a Associação de Artistas Plásticos e onde igualmente recebeu o título de Emérito Professor.

Em 1974 depois de tanto trabalho Dide teve seu reconhecimento, seu nome foi um dos incluídos no Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos que era uma edição do Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura e organizado por Carlos Cavalcanti um dos mais importantes críticos de arte da época.

Mas uma fatalidade na tarde de domingo do dia 01 de fevereiro de 1976 um acidente na BR-101 nas proximidades de Itajuba viria tirar a vida de Dide, deixando assim o estado em luto pela perda de um dos seus mais importantes artistas plásticos.

Segundo informações extra-oficiais, o acidente foi motivado por ter um dos veículos Dodge tentando ultrapassar uma jamanta, colidindo de frente com a Kombi, que se dirigiam no sentido norte- sul. Faleceu no local Josué Maia, Gilda Zanatta, que se encontrava no Dodge de São Paulo, e José Brandão, que também viajava na Kombi... (Jornal A Nação: 3 de fevereiro de 1976).

No ano de 1988 é criado o Indicador Catarinense das Artes Plásticas que tinha como intenção reunir o maior número possível de currículos de artistas que viveram ou nasceram em Santa Catarina, foi distribuído mais de 1300 questionários aos artistas que estavam cadastrados no MASC, mas somente 360 desses questionários retornaram nessa primeira edição J.Brandão não foi citado e até hoje, muitas pessoas ainda se perguntam o que ocorreu para que ele não estivesse entre 360 que apareceram nessa primeira edição, mas não esquecendo de citar que doze anos depois em 2001 foi editado novamente o Indicador e nessa segunda edição J.Brandão tem seus dados incluído apenas com uma errata na sua data de nascimento.



## **A importância da conservação como suporte de informação**

No final do século XVIII e no século XIX, com o Classicismo, a Conservação/Restauração vincula-se ao sentimento de patrimônio cultural coletivo: criam-se museus e academias; controlam-se as intervenções nas obras; as coleções são abertas ao público, e os museus adotam políticas pedagógicas.

Hoje, com a arte contemporânea, novas teorias estão sendo estabelecidas e os estudos crescem diariamente por meio de métodos voltados para física, química e biologia a serviço da conservação e preservação da obra de arte.

É importante lembrar que a conservação preventiva da obra de arte é essencial para que a mesma não atinja a intervenções de restauro.

Obras de arte do mesmo modo envelhecem, e desse modo, devemos consecutivamente ter cuidados para que ela não sofra com alterações ambientais, com vandalismos e com esquecimento.

É importante salientar que o avanço destas pesquisas e da utilização de novos métodos científicos na preservação do patrimônio cultural interferiu, afinal, no processo de conscientização e na formação de grupos interdisciplinares de investigação ajustados às realidades financeiras, climatológicas e históricas dos museus e compatíveis com a tipologia e estado de conservação de suas coleções e edifícios (MICHALSKI, 1995; ERHARDT e MECKLENBURG, 1994).

No Museu Histórico de Itajaí existe uma política em que todo o acervo que se encontra exposto e o que permanece em reserva técnica, num esquema de rodízio semanal passam por uma higienização e uma conservação preventiva para adiar ou retardar os fatores responsáveis pela deterioração das obras.

O fato para o qual quero chamar atenção é em umas obras de J.Brandão "Arte Chora Picasso", que chegou ao Museu Histórico como um empréstimo pois o imóvel onde a obra se encontrava iria passar por reformas, e ao chegar no Museu essa obra passou pelos mesmos cuidados que as outras. Foi feita uma higienização mecânica e toda a triagem que é feita em uma obra ao entrar no laboratório de conservação e restauro.

Logo após foi detectado um ataque de térmitas, que já se encontrava em um grau de comprometimento tão elevado que não somente teve perda de base como perda de suporte e camada pictórica em decorrência a má conservação da obra, que anteriormente ficava acondicionada em local inapropriado, com umidade e exposta a luz e calor.

A importância da conservação vem não somente para casos como o citado anteriormente, mas também como um suporte de informação histórica, o exemplo vem de duas obras feitas em papel cartão que foram encontradas no lixo e posteriormente emolduradas e vendidas para o Museu Histórico de Itajaí.

Ambas as obras assinada por J.Brandão e nesse esquema de conservação preventiva uma delas foi para higienização e optou-se por dar uma verificada em como

estaria o estado de conservação da obra cuja moldura é composta por um vidro na parte da frente e no fundo um Eucatex para fechar. Ao retirar o fundo observamos que além da acidificação do papel cartão e a presença de fungos, atrás a obra apresentava um carimbo do Museu Nacional de Belas Artes - RJ que confirmava e legitimava a presença daquela obra na exposição "O Trabalho na Arte", no qual Dide tinha recebido o prêmio João Dault em 1953 com essa mesma obra.

### Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Manoel Marques. **Caderneta Família Brandão**. Itajaí: 1878
- WALENDOWSKY, Olívia Borba, **Artistas Itajaíense: Dide Brandão**. Itajaí
- SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Waldir, org. **Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos**. Brasília: MEC/INL, 1974, v. 1, p. 291.
- Ainda em Estado Grave os Sobreviventes do Sinistro de Itajuba. **Jornal A Nação**, Itajaí, 3 de fevereiro de 1976.
- Museu Virtual da Propaganda Disponível em: <<http://museudapropaganda.blogspot.com/2008/11/filme-publicitario-do-toddy-da-dcada-de.html>> Acesso em: 05/02/2010
- Documentação e História, Disponível em: <<http://www.artbr.com.br/casa/>>; Acesso em: 23/01/2010.
- Sociedade Guarani, Disponível em: <http://cifrantiga.blogspot.com/2008/11/sociedade-guarani.html>; Acesso em 07/02/2010
- Princípios históricos e filosóficos da Conservação Preventiva. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.org/demu/pdf/caderno2.pdf>; Acesso em 13/02/2010



## Homenagem a Itajaí

*Maria Salete Bittencourt Sato  
Fotografia: Roney Rodrigues*

Cortando riso, mares e florestas,  
terra fértil, berço de trabalhadores,  
que acolhe os seus filhos terá mãe,  
pescadores e descendentes de açores.

Nossa terra predomina sua crença,  
misturando a cultura e educação,  
"Corpus Cristy" e a Festa do Divino,  
Marejada e também o Boi de Mamão.

O seu porto gigantesco tem riquezas,  
sustentando nossa gente, nossa mesa,  
exportando, importando seus valores,  
bom futuro nos promete com certeza.

Tens lugares pitorescos, o turismo,  
lindas praias enfeitando o rincão.  
Pelas ruas da cidade encontramos  
a fachada de antigo casarão.

É Brasil, Itajaí, por isso amamos,  
brilhas mais que sol no horizonte,  
somos povo que cresceu com gingado,  
somos hoje o amanhã vindo do ontem.

## **O esporte itajaiense: um estudo historiográfico dos principais clubes locais**

*Elisabete Laurindo*

*Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Itajaí.*

*Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI*

*Edeilson de Souza*

*Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Itajaí.*

*Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela UNIVALI*

### **Introdução**

**N**OS PRÓXIMOS SEIS ANOS O BRASIL SEDIARÁ OS MAIORES EVENTOS ESPORTIVOS DO PLANETA: 5º Jogos Mundiais Militares (2011); Mundial de Handebol Feminino (2011); *Volvo Ocean Race* (2012); Copa das Confederações (2013); Copa do Mundo (2014); Olimpíadas (2016); Paraolimpíadas (2016). Destes, o município de Itajaí será a única cidade brasileira a sediar a *Volvo Ocean Race* e poderá também ser uma das sedes do Mundial de Handebol Feminino.

O esporte será um dos assuntos mais debatidos nos próximos anos, assumindo um papel relevante nas relações sociais, políticas e econômicas, que projetará o Brasil no cenário mundial esportivo cujo legado poderá trazer contribuições extremamente importantes para o desenvolvimento nacional.

Do ponto de vista sociológico o esporte é compreendido como fenômeno social, sobretudo pela sua capacidade de agregar valores e atitudes essenciais ao convívio humano. Por outro lado, a que se ressaltar sua importância para o desenvolvimento econômico como fator gerador de emprego e renda.

Nesse contexto, abordar a organização do esporte local ao longo da história constitui-se numa forma de demonstrar que este fenômeno também contribuiu para o desenvolvimento do município de Itajaí.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, cuja metodologia adotada ancorou-se numa abordagem qualitativa de caráter descritivo. Também, buscaram-se dados de fontes primárias no Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí. Tem como objetivo apresentar as atividades esportivas dos principais clubes locais ao longo dos 150 anos de emancipação político-administrativa de Itajaí.

## Organização dos principais clubes esportivos itajaienses

A organização esportiva de caráter privado institucionalizada no município de Itajaí será abordada neste trabalho, a partir de um recorte dos principais clubes locais, considerando-se as manifestações esportivas socialmente construídas ao longo da história de Itajaí.

O quadro 1 apresenta cronologicamente a formação dos clubes, especificando a data de fundação e as principais atividades desenvolvidas. Na sequência apresenta-se um breve histórico dos respectivos clubes, evidenciando-se as atividades esportivas desenvolvidas.

**Quadro 1: Principais clubes esportivos de Itajaí**

Nº	CLUBE	DATA DE FUNDAÇÃO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
1.	Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond	28/04/1895	Tiro e bolão
2.	Sociedade Guarany	1897	Patinação (1909)
3.	Sociedade Estrela do Oriente	1897	Patinação (1909)
4.	<i>Itajahyense Foot Ball Club</i>	1911	Futebol
5.	Clube Náutico Marcílio Dias	17/03/1919	Remo e futebol (1919), <i>water-polo</i> , natação, voleibol, basquetebol, xadrez e tênis de campo (1921), ciclismo e atletismo.
6.	Clube Náutico Almirante Barrozo	11/05/1919	Remo e Futebol
7.	Clube Náutico Cruz e Souza	13/06/1919	Remo
8.	Humaitá Futebol Clube	1919	Futebol
9.	Sociedade Cultural e Assistencial Tiradentes	21/04/1920	Futebol (1948-1968) Bailes (1958)
10.	Lauro Müller Futebol Clube	24/03/1929	Futebol
11.	CIP Futebol Clube	27/10/1936	Futebol, Corrida
12.	Sociedade Recreativa e Cultural da Fazenda	01/08/1956	Futebol (1956) Bailes (1971)
13.	Cabeçudas Iate Clube	08/02/1958	Atividades náuticas, jantares, bailes de carnaval e entretenimento
14.	Itamirim Clube de Campo	28/03/1972	Tênis, Torneios de dominó, canastra e xadrez.

*Fonte: elaborado pelos pesquisadores a partir de registros historiográficos do Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí, 2007*

Os registros historiográficos locais revelam a influência dos imigrantes de origem germânica na criação de espaços destinados às atividades esportivas itajaienses. O marco da institucionalização do esporte no município de Itajaí é atribuído à criação do primeiro clube no final do Século XIX. Trata-se do Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drummond, fundado em 18 de abril de 1895, localizado na Rua Uruguai e que ainda hoje mantém o tiro como uma de suas atividades.

Os amantes do tiro faziam reuniões sociais em diferentes residências a cada semana e era realizada uma prova de tiro na ocasião. Mas, com dificuldade de acesso às residências, pela distância, resolveram criar a *Schuetzen Verein* (**Sociedade dos Atiradores**), oficialmente instalada pelos fundadores: Júlio Galles, Pedro Bauer, Gabriel Heil, Guilherme Muller, Júlio Germ, Mathias Bauer, Alfredo Eicke, Júlio Willerding, Otto Moldenhauer, Emílio Palumbo, Joaquim Espíndola, João Rodrigues Pereira, Jacob Heusi, José Berti e Joaquim Correa, que também contribuíram na estruturação da própria cidade. Em pouco tempo a sociedade foi ganhando novos adeptos e os primeiros campeões começam a despontar no Estado. (O CENTENÁRIO, 1995, p. 3). Outro esporte popular alemão, o bolão, também passou a fazer parte das atividades do clube, que adquiriu um terreno na Rua dos Atiradores, quando em 07 de julho de 1948, comprou o terreno vizinho, contando com uma estrutura física ampla e bem organizada (O CENTENÁRIO, 1995 p. 5).

Com a Segunda Guerra Mundial e o Brasil declarando-se contra a Alemanha, os germânicos que aqui viviam foram privados de direitos socioculturais. Em Itajaí instalou-se um destacamento do exército para proteger a cidade. Em virtude de ser um porto estratégico, durante dois anos ocuparam a sede da Sociedade dos Atiradores – o *Shuetzen Verein*. Somente em 1945, quando a Alemanha rendeu-se aos aliados, o exército deixou a sede, levando consigo todos os documentos, troféus e registros, deixando-a completamente destruída, recuperando suas atividades somente seis anos após, reinaugurando-a com um grandioso baile.

Com o intuito de apagar aquelas imagens do período da guerra, o nome do Clube foi modificado para Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond, na época tido como fundador da cidade. Com o passar do tempo, as atividades foram sendo redimensionadas em virtude dos próprios interesses da comunidade. O tiro e o bolão foram mantidos como principais atrativos esportivos, incorporando outras atividades sociais e de lazer como a natação, o futebol, o *snoocker*, jogos de mesa, entre outros, permanecendo a característica de entidade familiar (O CENTENÁRIO, 1995 p. 6).



Ainda no final do Século XIX, foram criados mais dois clubes privados, a **Sociedade Guarany, atualmente denominada Sociedade Guarani, fundada em 1897 e a Sociedade Estrela do Oriente, também fundada neste mesmo período.** Ambas iniciaram com atividades carnavalescas e mais tarde com peças teatrais. Sob observação de Linhares (1997, p.68), "era uma porta que se abria para a fuga do ramerrão cotidiano, insípido e melancólico, que cobria os momentos de lazer com a sua monotonia intolerável". Segundo De Souza (2006, p.54), "esses espaços privados de lazer contribuíram decisivamente para consolidar a hierarquização social de Itajaí". A sociedade Estrela do Oriente não existe mais, já a Sociedade Guarani desenvolveu posteriormente atividades esportivas como o tênis, a dança e a patinação e, atualmente, mantém a belíssima sede para promoção de shows, bailes e outros eventos.

Foi por volta de 1909 que a patinação se consolidou como esporte na cidade. Na época pouquíssimas atividades esportivas eram desenvolvidas e esta conquistou rapidamente a preferência popular, inclusive com competições organizadas na cidade culminando com domingueiras dançantes ao qual participavam os filhos de famílias mais abastadas. (DE SOUZA, 2006, p. 56).

**No início do Século XX,** o jovem Bráulio Eugênio Muller, ao passar as férias em Itajaí, traz o futebol, criando o *Itajahyense Foot Ball Club*, em **1911**. Costa (2002, p.188) relata que "embora as partidas fossem muito divulgadas, inclusive com entrada franca, poucos se interessavam em assistir suas partidas, pois a questão de serem as regras extremamente complexas e confusas (eram de língua inglesa) tirava o interesse pelas partidas". As cores do clube eram para os casados o azul e para os solteiros o vermelho. O *Itajahyense Foot Ball Club* foi também o primeiro time de futebol do estado de Santa Catarina.

Outros esportes foram sendo institucionalizados no decorrer dos anos, até que na segunda década do Século XX, o rio Itajaí-Açu passou a ser utilizado como espaço esportivo às atividades do remo, quando três jovens: Gabriel João Collares, Victor Emanuel Miranda e Alyrio Gandra, tiveram a idéia de fundar um clube náutico. No dia **17 de março de 1919**, no salão da Sociedade Guarani foi constituído o **Clube Náutico Marcílio Dias**, em assembléia geral decidindo-se pelo nome de Marcílio Dias em homenagem ao marinheiro gaúcho morto na Guerra do Paraguai. Nascia, então, o sonhado clube náutico. As cores azul e vermelho foram escolhidas para prestar uma homenagem aos primeiros clubes náuticos fundados em Santa Catarina, o Riachuelo e o Martineli. (BOSCO, 1962, p.8).



A modalidade inicial foi o remo, tendo a primeira guarnição montada em 1919. No mesmo ano a equipe de futebol é formada, fazendo sua partida intermunicipal contra o Brusque no dia 5 de outubro. A viagem era feita em carro de mola, na véspera do jogo. Mais tarde foram desenvolvidas outras modalidades como: pólo-aquático, natação, voleibol, ciclismo, atletismo.

Em 1921, o basquetebol teve sua quadra inaugurada com uma partida entre equipes femininas. O tênis de campo iniciou com equipes de ambos os naipes no mesmo ano, além disso, foi também o primeiro clube do Brasil a realizar um jogo de xadrez com figuras vivas, quando da inauguração do Estádio Dr. Hercílio Luz. (RUBRO AZUL, 1962, p.19).

Em volta do Estádio "Dr. Hercílio Luz" foram plantados 44 eucaliptos com os nomes das primeiras diretorias e de seus três fundadores e mais tarde durante a festa da primavera, foram plantados mais 23 por "senhoritas". Hoje já não existem mais, pois foram derrubados para a construção da arquibancada coberta. (RUBRO AZUL, 1962, p.19).

O primeiro campeonato sul brasileiro de futebol ocorreu em 1962, em Itajaí, entre os campeões dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ficando como campeão a equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 2º lugar o Esporte Clube Internacional, também de Porto Alegre, empatado com o Clube Náutico Marcílio Dias, e em 3º Lugar, o Coritiba Futebol Clube.

O clube também desenvolvia atividades Infantis, sendo que em 1929 participou de um torneio sagrando-se campeão. Os times participantes eram: Tiradentes da Barra do Rio, Escoteiros de Itajaí, Escoteiros de Gaspar, Escoteiros de Brusque e Escoteiros de Florianópolis. Dentre tantas atividades desenvolvidas pelo clube realizavam ainda jogos de futebol entre casados e solteiros, faziam piqueniques familiares em fazendas de senhores da cidade, faziam amistosos com times do nosso estado e de outros também como o time Império do Rio de Janeiro.

Alguns dissidentes do Clube Náutico Marcílio Dias, a partir de um desentendimento causado pela escolha da madrinha de uma de suas ioles (barcos), precisamente em **2 de maio de 1919**, resolveram criar uma nova entidade esportiva no município, o **Clube Náutico Almirante Barroso**. Segundo cópia da ata de fundação, foi aos 11 dias do mês de maio que se reuniram um grande número de moços, perto de 40, num dos salões do Grande Hotel para darem início às atividades do segundo clube náutico. Eram voltadas especialmente e com destaque ao remo, que obteve expressivas conquistas em campeonatos estaduais de 1920, 1921, 1927 e 1928. As atividades futebolísticas





iniciaram somente em 1950. Mais tarde, em épocas de crise, aconteceu uma fusão entre o Clube Náutico Almirante Barroso e o Clube Náutico Lauro Müller, mas a união durou pouco tempo, em virtude de discordâncias por parte de diretores e associados de ambos os lados. (BOLETIM INFORMATIVO, 1977, p. 3).

Outro Clube Náutico, o **Cruz e Souza**, foi fundado em **13 de junho de 1919**, por homens negros, que buscavam também conquistar seus espaços sociais. Durante o ato de sua fundação, estiveram presentes representantes do Clube Náutico "Marcílio Dias", do Clube Náutico "Almirante Barroso" e representantes do Jornal "União". (RUBRO AZUL. 1962, p. 22). A sua primeira Yole tinha o nome de "Guarací". Pela primeira vez na história de Santa Catarina, a 21 de abril de 1920, aparecia na raia, nas cores azul e amarelo, uma guarnição composta por todos os remadores negros e que venceram a taça denominada "Para Todos". (RUBRO AZUL. 1962, p. 69).

A segregação social serviu de mote para que os trabalhadores portuários, estivadores de origem negra, buscassem conquistar seus espaços de esporte e lazer com a fundação dos Clubes de Regatas Cruz e Souza e Humaitá Futebol Clube, em 1919. Esta era a forma de resistência étnico-cultural, uma vez que os clubes Náuticos Marcílio Dias e Almirante Barroso, ambos fundados neste mesmo ano, tinham características elitistas além de forte motivação racista. (DE SOUZA, 2006, p. 59).

Neste contexto, percebe-se que a segregação étnico-social fazia-se presente na sociedade itajaiense e que cada grupo se organizava no sentido de auto-afirmação do próprio grupo ao qual pertenciam. Neste clube, o de Regatas Cruz e Souza, toda a diretoria era composta por mulheres, conquistando um espaço significativo na sociedade.

O quadro 2 apresenta os clubes de remo que participavam de competições representando o Estado de Santa Catarina.

Quadro 2 – Os clubes de remo de Santa Catarina

Nº	CLUBE	FUNDAÇÃO	CIDADE
1	Clube Náutico Riachuelo	11/06/1915	Florianópolis
2	Clube de Regatas Francisco Martinelli	31/07/1915	Florianópolis
3	Clube de Regatas Aldo Luz	27/12/1918	Florianópolis
4	Clube Náutico Marcílio Dias	19/03/1919	Itajaí
5	Clube Náutico Almirante Barroso	11/05/1919	Itajaí
6	Clube Náutico Cruz e Souza	13/06/1919	Itajaí
7	Clube Náutico Cruzeiro do Sul	20/05/1920	São Francisco
8	Clube de Regatas Almirante Lamego	02/05/1921	Laguna

9	Clube Náutico Lauro Carneiro	23/01/1921	Laguna
10	Clube Náutico América	--	Blumenau
11	Clube Náutico Ipiranga	1923	Blumenau
12	Clube de Regatas de Joinville	--	Joinville
13	Clube Náutico Cachoeira	--	--
14	Clube Náutico Atlântico	--	--

*Fonte: organizado pelos autores, 2008*

Além do remo, a modalidade de futebol foi se popularizando e em **21 de abril de 1920** foi criado o **Tiradentes Futebol Clube**. Um grupo de jovens se reuniu para formar além do time, um clube recreativo. Procuraram o senhor Gabriel João Collares, hoje nome do maior Ginásio Municipal de Esportes de Itajaí, para receberem orientação legal sobre a formação do clube. Em nota no jornal Tiradentes (1996, p. 3) um informativo do clube diz que:

Para realizar os seus jogos e, posteriormente, construir sua sede social, o TFC utilizava-se de um campo construído em propriedade do senhor Cristóvão Gottendorfer, nas proximidades da ponte "Marcos Konder". Anos depois, o clube adquiriu seu próprio terreno, na rua José Pereira Liberato, onde localiza-se até hoje.

O Tiradentes Futebol Clube, já em 1939 contava com 2.200 associados e uma excelente estrutura física. (DIÁRIO DO LITORAL, 1993, p. 6-7). Mas, passaram-se 28 anos para a diretoria organizar o primeiro quadro associativo e, em reunião no dia 09 de junho de 1948, definiram por uma mensalidade de 5 cruzeiros. Foi apresentado também o distintivo oficial do Tiradentes Futebol Clube - TFC, onde também receberam como doação do senhor Orestes Silva, um jogo de uniformes nas cores azul e branco.

Muitas foram às crises do clube no passar dos anos, uma vez que a maioria dos diretores abandonavam o cargo e o compromisso assumido com a agremiação. Em 1952, o TFC filia-se a Liga Itajaense de Desportos, conquistando a vitória em 1954.

Em 1956 iniciam a construção da sede social, concluída em 1958 quando realizam grandes promoções de bailes que continuam até hoje. Em 1968 foi extinto o TFC e elaborado um novo estatuto com o intuito de modificar o nome que passaria a se chamar Sociedade Recreativa e Desportiva Tiradentes, que no mesmo ano, em outubro, mudaria novamente a denominação para o que é atualmente: Sociedade Cultural e Assistencial Tiradentes.



Em 1973, em convênio assinado com o Ministério de Educação e Cultura, inicia-se a construção das quadras de esportes e das canchas de Bocha da Sociedade Cultural e Assistencial Tiradentes. Vale salientar que em 1971 foi elaborado um Diagnóstico Nacional de Educação Física e Desportos no Brasil, realizado pelo antigo Ministério do Planejamento e pelo Ministério de Educação e Cultura, dando base mais tarde ao Plano Nacional de Educação Física e Desportos - PNED. "O referido documento revelou que o índice de participação relativa da população brasileira em atividades esportivas era de 0,6%, considerado naquela ocasião um dos mais baixos do mundo" (CAVALCANTI, 1984, p. 28), admitindo-se então que as necessidades do país eram grandes e precisavam de maior apoio.

Para reforçar ainda mais a questão do apoio dado ao clube, chega ao Brasil no mesmo ano, em 1973, o movimento "Esporte para Todos", e que estava se disseminando por vários países. Com o movimento aparece a preocupação com a filosofia de "democratização" da prática de atividades físicas e esportivas e a necessidade de implementar políticas públicas para estimular a construção e instalação de facilidades para a prática do desporto de Massa, como havia sido chamado no Brasil. (CAVALCANTI, 1984).

Posteriormente, o clube, Sociedade Cultural e Assistencial Tiradentes construiu um restaurante de dois pavimentos, com amplas instalações, um campo de futebol suíço e também foi montada uma biblioteca para acesso da comunidade.

No campo, especificamente o de futebol, surgiu também no cenário itajaiense, quando já existiam duas forças estabelecidas, o Marcílio e o Barroso, o **Lauro Muller Futebol Clube**, fundado no dia **24 de março de 1929** que já participou no Campeonato Estadual, sendo campeão dois anos após. Primeiramente teve sede na Vila operária e posteriormente na Rua Uruguai. Foi um clube que com o tempo perdera sua expressão incorporando-se ao Barroso em 1949, time da preferência dos jogadores e da torcida, já que eram rivais implacáveis do Marcílio Dias. (DIÁRIO CATARINENSE, 2000).

Como todo processo de socialização está sujeita a conflitos, em **27 de outubro de 1936**, era fundado, por nove jogadores dissidentes do Marcílio Dias, o **CIP Futebol Clube**, time que representava a Companhia Itajaiense de Phosphoros. "a equipe rubro-negra jogava no campo da Rua Blumenau, junto à fábrica, que tinha capacidade para cerca de mil pessoas" (DIÁRIO CATARINENSE, 2000, p. 46). Em 1938, o time foi campeão catarinense e em 1944 acabou extinto.

Durante sua trajetória marcante, os jogadores desfilavam pelas ruas da cidade e organizavam a "Corrida da Fogueira" para homens, num percurso de 6.000 metros. Na segunda edição, além da corrida para homens ocorreu também, pela primeira vez, uma corrida para as "senhorinhas" como eram gentilmente chamadas, com saída da



Praça Vidal Ramos, percorrendo as Ruas: Hercílio Luz, Tijucas, Blumenau e chegando ao Campo do CIP. Participaram os clubes: *Voley Club Itajahyense*, Voley Colégio São José e Feminino Atlético Club. Ao final do evento esportivo inicia-se a "Festa Antonina", na praça de esportes, com dança ao ar livre, na cancha de *Basquet-ball*, fogueira e distribuição de melado, cará, taiá, aipim, batata, cana e laranja. (CONVITE DA ÉPOCA, 1939-1940).

Com características mais modernas, em **29 de janeiro de 1938**, foi fundada a **Sociedade Recreativa e Cultural da Vila**, com o intuito de oferecer aos seus associados encontros de entretenimento e lazer. A mais importante e recente reforma e ampliação da sede se deu em 1990, sob a direção do Presidente Lourival Hélio Petter, recebendo apoio de outros clubes como "Tiradentes" e "Barroso" na realização de eventos como baile de debutantes e outros, num exemplo de solidariedade ao clube co-irmão (INFORMATIVO DA SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL DA VILA, 1994, P. 9).

Anos mais tarde, foi fundada em **27 de maio de 1951**, a Liga Itajaiense de Desportos - LID composta pelos clubes: Clube Náutico Marcílio Dias; Clube Náutico Almirante Barroso, Sociedade Estivadores Esporte Clube e Tiradentes Futebol Clube da cidade de Tijucas. (RUBRO AZUL, 1962, p. 22). Como o futebol tomava conta no *Hall* de atividades da época, os clubes se reuniam e montavam as ligas que faziam a organização desportiva da época. A LID mantinha suas atividades na Rua Lauro Müller, no Centro de Itajaí. Atualmente sua sede localiza-se no bairro Nossa Senhora das Graças.

Cada bairro escrevia a sua história no passar dos anos. O bairro da Fazenda, um dos mais antigos, teve seu clube fundado somente em **01 de agosto de 1956**, denominado **Fazenda Futebol Clube** sob a responsabilidade dos esportistas: João Célio Mendonça, Heitor Silva, José Alves Gonçalves, Gilberto Werner, José Pereira, Alcebíades Vieira, Aluízio Mendonça, Gildo F. Pereira e Antônio Miguel de Souza. (RUBRO AZUL, 1962, p. 73). Mais tarde, acabou o time de futebol sendo criada a Sociedade Recreativa e Cultural da Fazenda que promovia bailes para toda a comunidade itajaiense.

Em 1958 foi inaugurado o **Iate Clube Cabeçadas**, fundado em **1957 pelos** senhores Ourival Cesário Pereira, Carlos Renaux, Eduardo Santos Lins, Wilson Melro, Ingo Renaux e Érico Bückmann. Um clube dedicado à elite itajaiense, com ancoradouro para barcos, restaurante, sala de jogos e belos bailes de carnaval a fantasia. Desenvolvia



também atividades de remo, caiaque e competições de *jetski*. *O convite para a festa de inauguração foi datado em 8 de fevereiro de 1958 apresentando o cardápio que seria servido na ocasião.* Hoje aloja somente 5 lanchas e o restaurante está em funcionamento aberto ao público. Da sua estrutura inicial mantém-se ainda a piscina, sala de jogos e TV para poucos associados.

Mais tarde, de uma dissidência do Clube "Sociedade Guarani", por idealismos e pontos de vistas divergentes, reuniu-se em **28 de março de 1972** para fundar um novo clube, advogados, engenheiros, odontólogos, industriais, altos comerciantes, contabilistas, fazendeiros, entre outros homens importantes da cidade. Surgia então, o **Itamirim Clube de Campo**, as margens do rio Itajaí-Mirim, numa área de 100 mil m<sup>2</sup>, no bairro Carvalho.

Ficou decidido que seriam 100 sócios que pagariam 3.000,00 cruzeiros cada um, estes se tornaram sócios fundadores, tendo posteriormente, o número de associados aumentado para 800, após a devida alteração do estatuto. Aconteciam atividades para os associados, como torneios de dominó, canastra e xadrez para casais e duplas, organizadas pelos coordenadores. (ITAMIRIM INFORMATIVO, 1979, p. 4-5).

Hoje, o Itamirim Clube de Campo é o maior da cidade, com infra-estrutura planejada, dispõe de campo de futebol, ginásio de esportes, sauna, restaurante, pista para caminhada, salão de festas e várias quadras de tênis, configurando-se como referência nacional nesta modalidade.

Dos clubes historiografados neste trabalho, apenas oito ainda mantêm suas atividades nos dias atuais, são eles: Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond, Sociedade Guarani, Clube Náutico Marcílio Dias, Clube Náutico Almirante Barroso, Sociedade Assistencial e Cultural Tiradentes, Sociedade Recreativa e Cultural da Fazenda, Iate Clube Cabeçudas e Itamirim Clube de Campo.

## Considerações Finais

O legado deixado pelos clubes abordados no presente trabalho pode ser considerado fator motivador às gerações posteriores ao período estudado, podendo ser



evidenciado na quantidade de praticantes das modalidades esportivas descritas, além de outras institucionalizadas a posteriori. Atualmente, Itajaí se destaca como uma das principais forças do esporte catarinense, principalmente nas modalidades de bolão 16, patinação, futebol, tênis de campo e atletismo, praticadas pelos respectivos clubes.

Outras modalidades foram se destacando, sobretudo a partir da década de 1970, entre estas, o handebol, o judô, o Karatê, o triatlo, o futsal, o *tae kwon do* e as atividades paradesportivas. Itajaí também possui uma grande quantidade de praticantes de esportes radicais, tais como: BMX, *skate*, *surf* e vôo livre.

Portanto, é possível considerar que o esporte local se consolidou como fenômeno social de extrema relevância para desenvolvimento do município de Itajaí nestes 150 anos de emancipação político-administrativa.

## 4 Referências

### Fontes Primárias

#### A Jornais

DIÁRIO CATARINENSE. **Esportes: histórias do futebol em SC.** Blumenau, quarta-feira, 26 de janeiro de 2000. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

DIÁRIO DO LITORAL. **Tiradentes 73 anos**, 21 de abril de 1993. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

JORNAL CENTENÁRIO. Órgão informativo comemorativo. **Clube de Caça e Tiro Vasconcelos Drumond**, ano 1, n. 1, março de 1995. Caixa esporte sem Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

#### B Documentos

BOLETIM ESPORTIVO. **Como surgiu o C. N. Almirante Barroso.** Itajaí, edição comemorativa, maio, 1977. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

BOLETIM INFORMATIVO. 1977. Marcílio Dias. Caixa Clube Náutico Marcílio Dias. Acervo FGML/CDMH.

CIP FOOT-BALL CLUB, **Convite para a corrida da fogueira.** Itajaí, 12 jun. 1940. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

CONVITE DA ÉPOCA. 1939-1940. Caixa Clube Náutico Marcílio Dias. Acervo FGML/CDMH.

INFORMATIVO DA SOCIEDADE RECRETATIVA E CULTURAL DA VILA. Março de 1994. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

INFORMATIVO ESPECIAL. **Comemorativo ao 76º Aniversário da Sociedade Cultural e Assistencial Tiradentes**, ano 1, n 1, 1996. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

ITAMIRIM INFORMATIVO. Ano 1, n 1, abril e maio de 1979. Caixa esportes em Itajaí. Acervo FGML/CDMH.

**O MARINHEIRO. Jornal Histórico. Edição especial de 84 anos. Março de 2003.** Caixa Clube Náutico Marcílio Dias. Acervo FGML/CDMH.

REVISTA RUBRO AZUL. Caixa Clube Náutico Marcílio Dias. Acervo FGML/CDMH.

#### C Bibliografia

BOSCO, R. In: **Revista Rubro Azul.** 1962. Caixa Clube Náutico Marcílio Dias. Acervo FGML/CDMH.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos: um discurso ideológico.** São Paulo: IBRASA, 1984.

COSTA, M. da. A cidade de Itajaí e as práticas desportivas nas primeiras décadas do Século XX. In: **Itajaí: outras histórias.** LENZI, Rogério Marcos (Org.). Itajaí, Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

DE SOUZA, E. **Gestão de Políticas Públicas do Lazer: uma análise sócio-espacial no contexto urbano de Itajaí (SC).** Universidade do Vale do Itajaí. (Dissertação do Programa de Mestrado Profissionalizante em Gestão de Políticas Públicas - PMGPP), 2006.

LINHARES, J. **O que a memória guardou.** Itajaí: Editora da UNIVALI, 1997.

## Itajaí, meu presente de Natal!

Ana Branca  
Escritora

**P**ASSOU-SE ASSIM MESMO: ITAJAÍ FOI-ME PRESENTEADA NUMA NOITE DE NATAL! PARECE UMA fantasia? A grande Itajaí, dentro dum sapatinho! Apenas um simbolismo... Conto depois: primeiramente vou lembrar os Natais que passei na longínqua África, todos eles encastoados de mágicos instantes.

Meus pais eram europeus e foram para a África - imbuídos dum sentimento de fraternidade assumida: minha mãe, que já ensinava crianças na sua cidade natal, desejava fazer o mesmo em Angola; meu pai era guarda-livros, um curso tirado em Coimbra, e tinha idéias cooperativistas e assistenciais: falava fluentemente o francês dava aulas gratuitas a todo mundo e ensinou dezenas de moços a serem guarda-livros, tudo de graça. Exercia a sua profissão para a cidade inteira, por isso sempre houve fartura em nossa casa; tivemos condições de estudar nos melhores colégios e tudo se pagava com o seu trabalho, porém, havia limites: nunca fomos perdulários: usávamos sapatos de couro natural durante a semana (que nós mesmos engraxávamos) e de camurça ou verniz aos domingos; roupa de casa, outra para sair! Minha mãe optou por ser mãe e esposa em tempo integral: não só nos criou como ajudou a criar os filhos dos amigos, que moravam no interior e estudavam em nossa casa. Só eu de menina, três irmãos, mais três meninos bem escurinhos. Tivemos uma infância e adolescência bem feliz, apesar duma educação bem rígida, onde ler e estudar eram tempos exigidos na nossa vida diária. Pais, super presentes!

Meu pai e minha mãe se conheceram em Angola e casaram unidos por suas afinidades ideológicas.





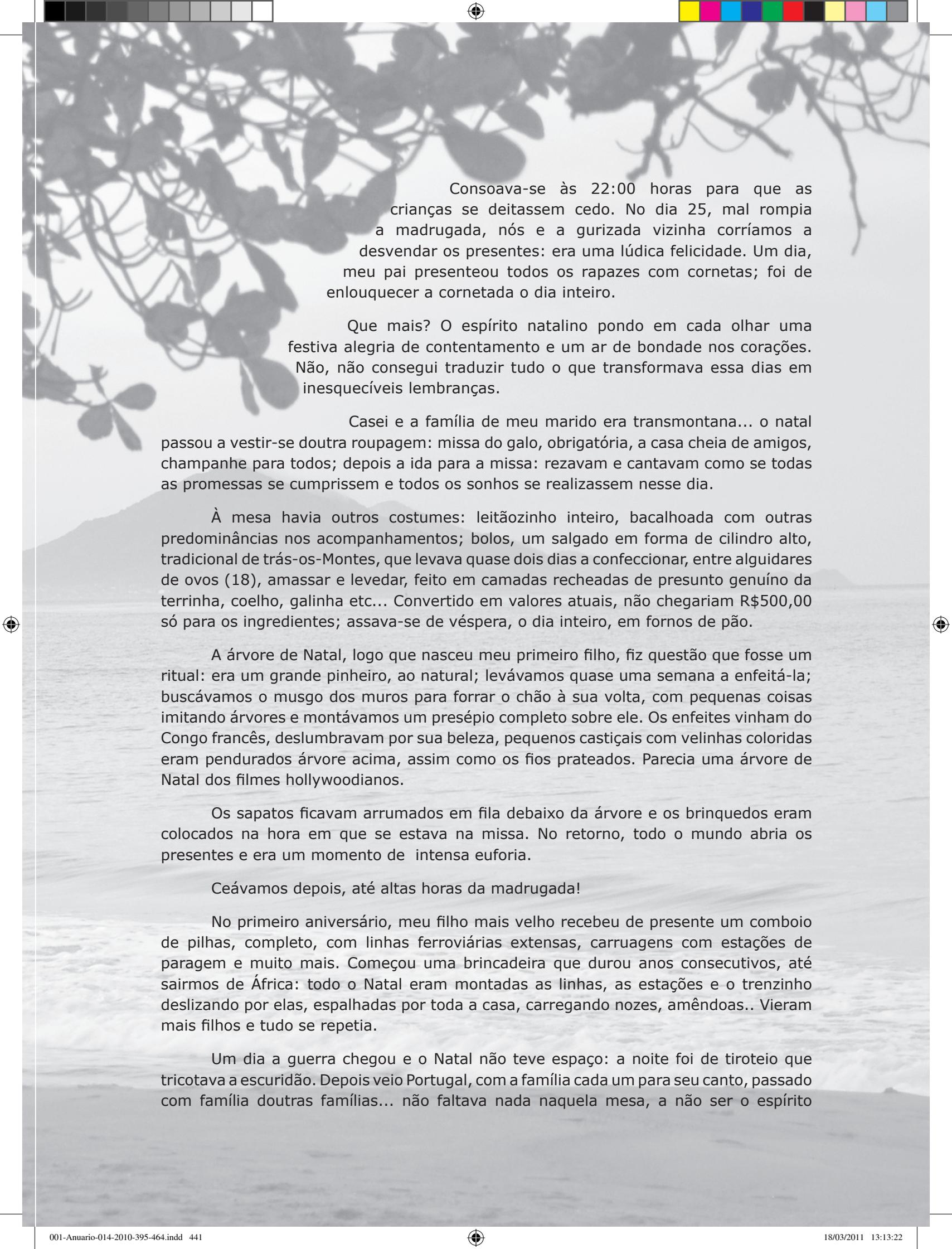
Natal, na casa de meus pais, era, pois, tempo de fraternidade. Começava bem antes: primeiro o guarda-roupa era colocado de canto e a emoção vinha de mansinho espreitar o mistério. Na calada da noite, pé ante pé, acontecia a descoberta: era hábito dos meus pais esconderem os brinquedos atrás do guarda-roupa, conforme iam comprando, mas nós, crianças, não resistíamos a uma espreitadela antes. Meu pai nos criou com muita severidade, mas era dum altruísmo enternecedor: todas as crianças pobres da rua ganhavam um brinquedo dele nesse dia!

O vinho do Porto era tradicional na noite de Natal e compravam-se caixas de garrafas dele para dar de presente a cada amigo. Porém, as caixas eram reaproveitadas para colocar cestas básicas que os meus pais distribuíam nessa data às pessoas mais necessitadas que conheciam. Natal, para nós, tinha conotação de amor e partilha.

A ceia de Natal era chamada de "Consoada" e para ela vestíamos roupa domingueira. A sala de jantar era engalanada duma beleza festiva. Nos aparadores, lindos trilhos de linho branco bordado e havia uma pequena árvore de Natal artificial, bem verde, onde se penduravam pacotinhos de chocolate, de diversos feitios, presos com fitilhos, imitando presentinhos e castiçais de lata com velinhas vermelhas penduradas nas hastes e uma imagem do Menino Jesus deitado numa manjedoura e de madeira. Noutro aparador eram colocadas as rabanadas, lampreias de fios de ovos. Em uma fruteira antiqüíssima, de pé alto de prata e copa de cristal, era colocada a famosa galinha à "galantine", que era especialidade de minha mãe, além de todos os docinhos para essa data.

A mesa era dum requintado atrativo: a alva toalha de renda feita em casa recebia os mais belos e tradicionais acepipes natalinos: a branca louça de porcelana tinha um lindo friso dourado e os copos, enfeitados com guardanapos dobrados em forma de leque, brilhavam sua cristalinidade; havia uma profusão de rosas vermelhas entre as gipsófilas brancas no centro de mesa. Minha mãe amava e cultivava rosas. Não faltava o tradicional peru, que era embebedado antes de ser morto para a carne ficar tenrinha. Para a miudagem, era uma festa, o "peru bêbado"; a bacalhoada, com todos os acompanhamentos artisticamente arrumados, como não podia deixar de ser, tinha lugar de primazia; assim como os vinhos etc.





Consoava-se às 22:00 horas para que as crianças se deitassem cedo. No dia 25, mal rompia a madrugada, nós e a gurizada vizinha corríamos a desvendar os presentes: era uma lúdica felicidade. Um dia, meu pai presenteou todos os rapazes com cornetas; foi de enlouquecer a cornetada o dia inteiro.

Que mais? O espírito natalino pondo em cada olhar uma festiva alegria de contentamento e um ar de bondade nos corações. Não, não consegui traduzir tudo o que transformava essa dias em inesquecíveis lembranças.

Casei e a família de meu marido era transmontana... o natal passou a vestir-se doutra roupagem: missa do galo, obrigatória, a casa cheia de amigos, champanhe para todos; depois a ida para a missa: rezavam e cantavam como se todas as promessas se cumprissem e todos os sonhos se realizassem nesse dia.

À mesa havia outros costumes: leitãozinho inteiro, bacalhoadá com outras predominâncias nos acompanhamentos; bolos, um salgado em forma de cilindro alto, tradicional de trás-os-Montes, que levava quase dois dias a confeccionar, entre alguidares de ovos (18), amassar e levedar, feito em camadas recheadas de presunto genuíno da terrinha, coelho, galinha etc... Convertido em valores atuais, não chegariam R\$500,00 só para os ingredientes; assava-se de véspera, o dia inteiro, em fornos de pão.

A árvore de Natal, logo que nasceu meu primeiro filho, fiz questão que fosse um ritual: era um grande pinheiro, ao natural; levávamos quase uma semana a enfeitá-la; buscávamos o musgo dos muros para forrar o chão à sua volta, com pequenas coisas imitando árvores e montávamos um presépio completo sobre ele. Os enfeites vinham do Congo francês, deslumbravam por sua beleza, pequenos castiçais com velinhas coloridas eram pendurados árvore acima, assim como os fios prateados. Parecia uma árvore de Natal dos filmes hollywoodianos.

Os sapatos ficavam arrumados em fila debaixo da árvore e os brinquedos eram colocados na hora em que se estava na missa. No retorno, todo o mundo abria os presentes e era um momento de intensa euforia.

Ceávamos depois, até altas horas da madrugada!

No primeiro aniversário, meu filho mais velho recebeu de presente um comboio de pilhas, completo, com linhas ferroviárias extensas, carruagens com estações de paragem e muito mais. Começou uma brincadeira que durou anos consecutivos, até sairmos de África: todo o Natal eram montadas as linhas, as estações e o trenzinho deslizando por elas, espalhadas por toda a casa, carregando nozes, amêndoas.. Vieram mais filhos e tudo se repetia.

Um dia a guerra chegou e o Natal não teve espaço: a noite foi de tiroteio que tricotava a escuridão. Depois veio Portugal, com a família cada um para seu canto, passado com família doutras famílias... não faltava nada naquela mesa, a não ser o espírito

natalino, os sonhos perdidos, nosso trenzinho que carregava o coração enternecido de cada um para parar na estação da felicidade.

Aconteceu o primeiro Natal no Brasil. Moramos por um mês em Balneário Camboriú, mas as oportunidades de trabalho eram em Itajaí; mudamos para lá dois meses antes das festas. Começamos a organizar a casa, mas todo o passado escrevia linhas em nossos passos: íamos buscar coisas que não trouxemos, em gavetas que não existiam... dum móvel que não veio, mas tinha feito parte duma vida... sonhos que tinham sido aniquilados, ilusões disfarçadas de verdade. Todos os dias nos reinventávamos em novas caminhadas para não nos deixarmos cair na cilada dos desenraizamentos, que doem e matam a fecundação das esperanças: somos como árvores gigantescas, arrancadas ao sol pela raiz e atiradas de copa para o chão. Levam anos para que os frutos jogados no ato rompam a terra para criar novas raízes, novas árvores, novos sonhos.

Era noite de Natal: a toalha era linda; havia rabanadas, bacalhoadas, casal Garcia, vinhos do Porto, frutas secas e cristalizadas... não havia peru mas principalmente não havia árvores de Natal, nem trenzinho. Havia risos improvisados que trancavam as lágrimas, saudades que esmagavam o coração. Felizmente, havia uma criança de sete anos e todos nós devotados a ela buscando transformá-la num menino feliz, com brinquedos de Natal e nosso amor.

Mas nós, os adultos? Por dentro uma solidão; éramos nós e nós... mais ninguém, mas estávamos firmes, aquela teria que ser um noite natalina. E agora, José?

Conseguimos realmente atingir nosso desejo de sermos felizes, independente dessa realidade? Eram muitos os conhecidos, porém, não havia amigos para abraçar...

Foi quando a campanha tilintou pertinaz. Abrimos a porta: Eram amigos. Amigos buscando-nos para passarmos a noite de consoada em sua casa. O convite era para todos e nem precisamos levar nada, eles estavam felizes por termos aceitado o seu convite.

Era a família Pinheiro. Chegados a sua casa, já tínhamos lugar marcado em sua mesa da ceia do Natal. Parecia que nos conhecíamos há anos. A confraternização rolou numa alegria imensa, onde nossas culturas foram engrandecidas com o relato das experiências e "*modus vivendi*" de cada família. Na hora do sapatinho, fomos surpreendidos por mais um gesto de carinho: havia um presente para cada um de nós. Ganhei um galo e uma galinha de porcelana portuguesa azul que até hoje ocupa lugar de honra em minha estante de livros, como se fosse um troféu.



Mas o presente melhor foi a amizade que passou a simbolizar o Brasil que nos recebeu de braços abertos; o Brasil, para nós, passou a ser Itajaí com o seu povo fraternal e acolhedor.

Essa porta abriu-nos outros relacionamentos. No dia seguinte, dia de Natal, havia um novo amor em nossas vidas: Itajaí e sua gente maravilhosa e altruísta.

Por isso eu digo que Itajaí é a terra brasileira onde nós renascemos para a esperança e para a amizade... nós que chegamos aqui com a alma esfacelada pela guerra e esta é lancinante e de um indescritível horror para quem a viveu e um registro eterno a sangrar no desterro.

Por isso sinto-me itajaiense de alma e coração e por esta cidade tenho vibrado e lutado como se fosse minha cidade natal. Itajaí é e sempre será, para mim, uma comemoração natalina, meu presente, uma dádiva de Deus, como costume dizer.

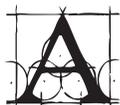
Já lá se vão 34 anos que vivo no Brasil, mais de um terço da minha vida. O Brasil é hoje, para mim, a pátria que o meu coração adotou.



## Obituário Itajaiense 1791-1823

Telmo José Tomio

Maestro de Coral. Professor de Filosofia, Sociologia e História.  
Genealogista – sócio do CBG e do INGESC



ANTES DA CRIAÇÃO DO CURATO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO EM 1824, OS MORADORES das margens do Rio Itajaí-Açu e região eram atendidos pelos padres da Capela de São João Batista de Itapocorói, Penha, pertencente à Paróquia Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco. Embora a primeira capela do Santíssimo Sacramento tivesse sido construída à época da criação do curato, percebe-se que em 1791 já havia cemitério na região da foz do grande rio. O primeiro teria sido nas redondezas do lugar chamado Pontal, em Navegantes. O segundo cemitério de Itajaí teria sido atrás da primeira Igreja Matriz, aquela a qual hoje chamamos de Igrejinha da Imaculada Conceição. Dali o cemitério foi transferido para o lugar onde hoje está a nova Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. E por último, o cemitério foi transferido para o seu lugar atual, no bairro Fazenda.

O Primeiro Livro de Óbitos da Capela de São João Batista de Itapocorói, Penha, abrange o período entre 1791 e 1835. São exatamente 400 óbitos, sendo que 46 deles fazem alusão ao termo Itajaí, e tiveram os dados aqui transcritos. São registros de encomendações e sepultamentos de moradores das margens do Rio Itajaí. Muitos desses moradores foram sepultados no primitivo cemitério. Outros foram levados e sepultados no cemitério da Armação, ou Capela São João Batista de Itapocorói. Também foram relacionados os defuntos que moravam em outros lugares e que foram sepultados no cemitério *deste mesmo rio* de Itajaí. Abaixo, tem-se a transcrição dos dados desses óbitos, às vezes com erros e com dados incompletos, conforme foram anotados:

+ 02.08.1791 - Anna, inocente, com 2 anos aproximadamente, filha de Pedro Rameiro e Apolinária da Silva, moradores das margens do *Rio de Tajahy*, sepultado no cemitério do mesmo rio. Padre Antônio Duarte Carneiro. (*Obs.: embora o nome do pai seja Pedro Romeiro de Barcelos, manter-se-á como estava registrado no livro*).

+ 29.08.1791 - Anna, inocente, com 2 meses aproximadamente, filha de Thomás Dutra e Anna Gonçalves, moradores das margens do *Rio de Tajahy*, sepultada na Armação. Padre Antônio Duarte Carneiro.

+ 16.10.1791 - Pedro da Silva Coutinho, com 50 anos aproximadamente, viúvo, casado primeiramente com Maria da Conceição e, em segunda vez, com Maria Dias Cardoso. Morreu afogado no *Rio de Tajahy*, donde era morador. Padre Antônio Duarte Carneiro.

+ 10.07.1792 - Maria Bayarda da Costa - com 80 anos aproximadamente, viúva de Alexandre Correia de Negreiros, moradora das margens do *Rio de Tajahy*, sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 09.08.1792 – Marianna, com 2 anos aproximadamente, filha de Lourenço de Moura e Joanna Rosa, moradores das margens do *Rio de Tajahy*, sepultada na Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 19.08.1792 – Maria Rosa, com 82 anos aproximadamente, casada com Antônio da Silva. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultada no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 22.08.1792 – Luís Antônio Cardoso, natural de São Miguel, filho de Antônio Gonçalves Cardoso e Maria Ribeira. Morreu desgraçadamente embaixo de um pau às margens do rio *Itajahi*. Foi sepultado na Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 15.09.1792 – Antônio da Silva, com 70 anos aproximadamente, viúvo de Mariana Rosa. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultado no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 11.04.1793 – Manoel Fernandes, com 37 anos aproximadamente, casado com Maria de Jesus, moradores das margens do *Rio de Tajahi*. Sepultado no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 29.04.1793 - Anna Maria da Costa, com 40 anos aproximadamente, casada com Antônio Dias de Arzão. Moradores das margens do *Rio de Tajahi*. Sepultada no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 25.06.1793 – Manoel Martins Barbosa, com 79 anos aproximadamente, casado com Josefa da Conceição. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 09.09.1794 – Polucena, com 18 anos aproximadamente, casada com Manoel de Oliveira. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 18.11.1794 – Antônia Alvares, com 22 anos aproximadamente, casada com Mathias da Costa. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 24.02.1796 – Mônica Ignacia de Jesus, com 27 anos aproximadamente, casada com Thomé Machado. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 28.04.1796 – Silvestre Nunes Leal, com 48 anos aproximadamente, casado com Josefa Antônia de Jesus. Moradores da *fronete da barra do Rio de Tajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 13.05.1796 – Maria de Jesus, com 70 anos aproximadamente, viúva de João Leal Nunes. Moradores da *barra do Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 20.08.1796 – Antônio Dias de Arzão, com 90 anos aproximadamente, viúvo de Anna Maria. Moradores às margens do *Rio de Tajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 04.11.1797 – João Dias de Arzão, casado com Maria do Rosário, morreu infelizmente afogado. Moradores às margens do *Rio de Thajahii*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 03.04.1798 – Jacinto, com 10 anos aproximadamente, filho de Manoel Correia da Silva e Joanna Antônia. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultado no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 17.07.1798 – Onório Avoaya, com 30 anos aproximadamente, Escravo do Real Contrato da Pesca das Baleias, morreu afogado na praia de *Tajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 06.10.1800 – Antônio Lamim, com 59 anos aproximadamente, bastardo, casado com Marta Rodrigues. Moradores às margens do *Rio de Itajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 24.02.1801 – José Francisco, com 54 anos aproximadamente, casado com Maria da Conceição. Morador da Armação. Sepultado no cemitério do *Rio de Itajahi*. Padre José Antônio Martins.

+ 18.02.1803 – Antônio Moreira, com 29 anos aproximadamente, casado com Sebastiana Gonçalves. Moradores de Itajaí. Foi encomendado na Armação de Nossa Senhora da Piedade e sepultado em São Miguel. Padre José Antônio Martins.

+ 03.03.1803 – Esmênia, com 22 anos aproximadamente, filha do viúvo José Moreira, moradores de Itajaí. Morreu nas Bombas, distrito de São Miguel. Sepultada no cemitério da Armação de Itapocorói. Padre José Antônio Martins.

+ 15.04.1803 – José, com 4 anos aproximadamente, filho de José Joaquim e Florinda Rosa, moradores das margens do Rio Itajaí. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 23.05.1803 – Severino, com 12 anos aproximadamente, solteiro, filho de José Coelho e Anna Francisca. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultado no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 28.05.1803 – Maria, com 9 anos aproximadamente, filha de José Coelho e Anna Francisca. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultada no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 05.10.1804 – Jacinta, inocente, com 5 anos aproximadamente, filha de Joaquim Moreira e Maria Luiza. Moradores em Cabeçadas. Sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 08.04.1805 – Alexandre, com 5 anos aproximadamente, filho de Jacinto Correa. *Sepultado no Cemitério do Rio de Tajahy, pertencente a esta capela.* Padre Manuel Alves de Toledo.

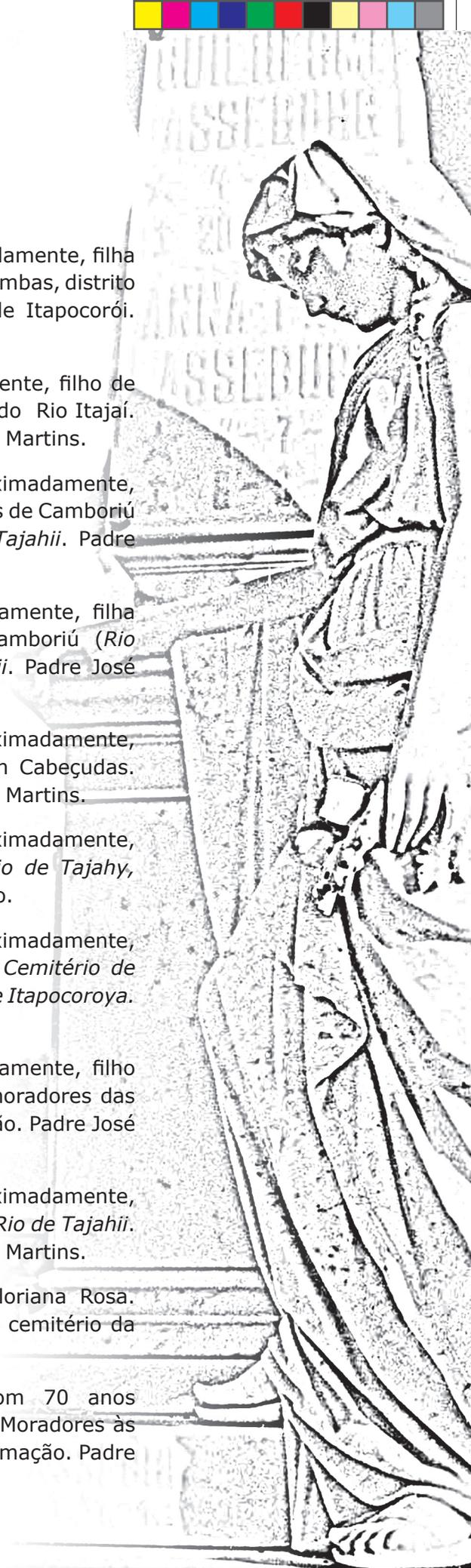
+ 15.12.1805 - Claudiana Maria, com 20 anos aproximadamente, solteira, filha de {...} Antônio Cardoso. *Sepultada no Cemitério de Tajahy, pertencente a esta Capela de São João Baptista de Itapocoroya.* Padre Manuel Alves de Toledo.

+ 03.03.1808 – Manoel, com 1 ano aproximadamente, filho de Martinho (ou Agostinho) Gonçalves e Anna Maria, moradores das margens do Rio Itajaí. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 08.11.1811 – Josefa Antônia, com 53 anos aproximadamente, casada com Thomé Machado. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 24.06.1812 – José da Silva, casado com Floriana Rosa. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultado no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.

+ 13.10.1812 – Isabel Nunes da Silva, com 70 anos aproximadamente, casada com Mathias Dias de Arzão. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultada no cemitério da Armação. Padre José Antônio Martins.



+ 27.06.1813 – Francisco Ferreira(?), com 28 anos aproximadamente, casado com Marianna Dias da Silva. Moradores às margens do *Rio de Tajahi*. *Morreu afogado que nem o corpo lhe apareceu*. (Registro feito em 1818). Padre José Antônio Martins.

+ 20.03.1814 – Manoel Antônio de Miranda, com 33 anos aproximadamente, casado com Anna Maria. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultado no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 17.02.1815 – Jacinto, com 17 anos aproximadamente, solteiro, filho de Francisco Antônio e Maria Rosa. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultado no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 16.04.1815 – José Pereira, com 22 anos aproximadamente, casado com Leonor Francisca. Morreu de uma facada. Moradores de Camboriú (*Rio Camberiasu*). Sepultada no cemitério do *Rio de Tajahii*. Padre José Antônio Martins.

+ 10.04.1816 – Victorino Gonçalves, com 42 anos aproximadamente, casado com Floriana Maria. Moradores às margens do *Rio de Tajahii*. Sepultado no cemitério do mesmo rio. Padre José Antônio Martins.

+ 20.04.1819 – Paula Dias, casada com Antônio Alves da Rosa. Sepultada no cemitério do *Rio de Tajahy*. Frei Bernardino José do Espírito Santo Ferreira.

+ 09.06.1819 – Domingos de Souza de Miranda. Sepultado no cemitério do *Rio de Tajahy*. Frei Bernardino José do Espírito Santo Ferreira.

+ 06.08.1820 – José Correa de Negreiros. (Registro muito ilegível). Morador de *Tajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Frei Francisco de Santa Isabel.

+ 28.03.1821 – Luís, com 10 meses aproximadamente, filho de Manoel Antônio Vieira. (Registro de difícil leitura). Moradores de *Tajahy*. Sepultado no cemitério da Armação. Frei Francisco de Santa Isabel.

+ 20.05.1823 – Alexandre, casado, Escravo de Dona Felícia. *Morreu de epidemia das câmaras em Tajahy, onde foi sepultado*. Frei Martin Joaquin de Oleden.

+ 17.12.1823 – Antônia, com 60 anos aproximadamente, viúva. Moradora de Itajaí, onde foi sepultada. Frei Martin Joaquin de Oleden.

+ 03.01.1823 – João da Rosa, com 65 anos, casado, não recebeu os sacramentos devido a distância. (Esse registro foi lançado em duplicidade, na mesma página do livro). Moradores de Camboriú (*Rio Cambriú*). Sepultado no cemitério do *Rio de Itajahi*. Frei Martin Joaquin de Oleden.

Este trabalho quer servir de subsídio para todos aqueles que estudam a História de Itajaí, a História de Santa Catarina e a Genealogia de nossas famílias.

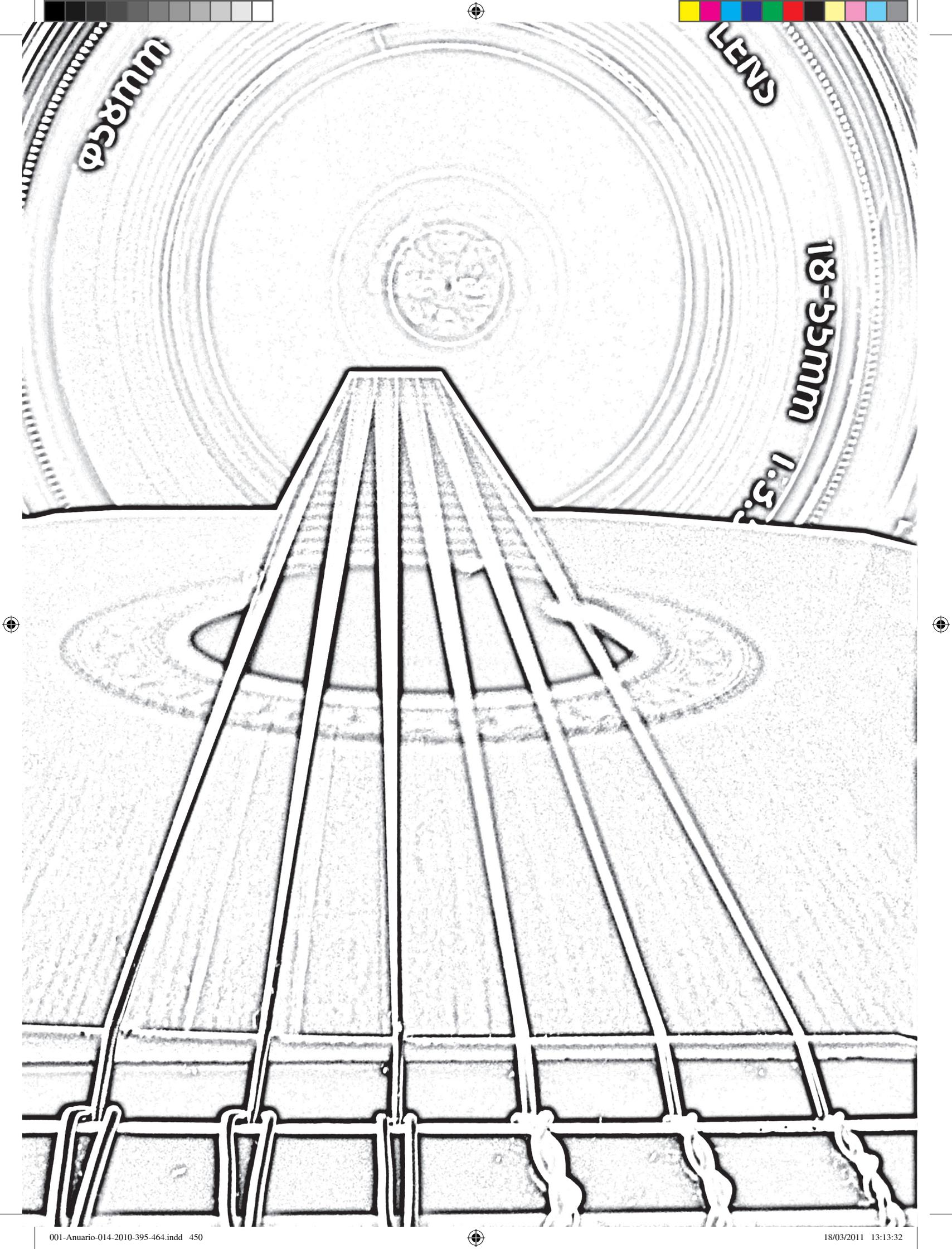
O original do Primeiro Livro de Óbitos de São João Batista de Itapocorói – Paróquia Nossa Senhora da Penha, que outrora pertencera ao Arquivo Histórico e Eclesiástico da Arquidiocese de Florianópolis, atualmente pertence à Diocese de Blumenau, onde pode ser consultado.



## Referências

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA PENHA. **Primeiro Livro de Óbitos da Capela São João Batista de Itapocorói. 1791-1835.**





φ58mm

LENS

18-55mm

1:5.6

## Índice Iconográfico

### Anuário de 1924

Página 06/07: acervo digital (FGML/CDMH).

Página 08: acervo Rogério Lenzi (série Outras mulheres - interferência digital sobre imagem).

Página 09: reprodução da capa do Anuário de 1924 (acervo digital CDMH).

Página 10: Mapa da Sesmaria de João Dias de Arzão, 30 de abril de 1796 (Tombo 002.00202.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 12/13: Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, s.d. (Tombo 002.00309. 001 – acervo FGML/CDMH).

Página 15: Planta da Praça da Matriz antiga da Vila do Santíssimo Sacramento de Itajahy (atual Praça Vidal Ramos), levantada em 03/02/1887, por José Antonio Alves de Azevedo (Tombo 002.00203.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 16: Hilde Vanstraelen (Bélgica).

Página 17: Construção do prédio da superintendência, primeira metade da década de 20 (Fundo Irineu Bornhausen – acervo FGML/CDMH).

Página 18/19: Rua Lauro Müller, 1902 (Tombo 059.13459.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 20: Vista do "Pico do Papagaio" em Cabeçudas, 1940 (Tombo 016.03736.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 20/21: Regata no Rio Itajaí-açú com vista de Navegantes, 1927, tendo como vencedores: 1º América; 2º Barroso; 3º Marcílio Dias. (Tombo 016.03735.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 22/23: Missa Campal de colocação da pedra fundamental da nova Igreja Matriz de Itajaí na Praça da Republica em comemoração ao centenário da cidade, 12/10/1920 (Tombo 048.11509.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 24/25: A Igrejinha do Santíssimo Sacramento / Imaculada, 1900. **2.** Centro de Itajaí, 1910 – Rua Hercílio Luz esquina com a Rua Lauro Müller (Tombo 058.13455.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 26/27: Grupo Escolar Victor Meirelles, 13 dezembro de 1913 (Tombo 068.15684.007 – acervo FGML/CDMH).

Página 28/29: Porto de Itajaí, c. 1900 (Tombo 067.14997.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 30; 31 e 32: Hilde Vanstraelen (Bélgica).

Página 33: Kriss Szkurlatowski (Polônia).

Página 34: Hilde Vanstraelen (Bélgica).

Página 35 a 40: Barry Meyer (África do Sul).

Página 41: Porto de Itajaí, 1904 (Tombo 026.06298.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 42/43: Antigo Porto de Itajahy, 1900 (Tombo 058.13456.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 44: Billy Alexander (EUA).

Página 45: Barry Meyer (África do Sul).

Página 46: Rainer Topf (Alemanha).

Página 47: Luis Francisco Cordero (Equador).

Página 48: Gravity X9 (EUA).

Página 51: composição a partir das imagens da Hungria, Romênia e Barry Meyer (África do Sul).

Página 52/53: Mercado Publico de Itajaí, 1917 (Tombo 001.00144.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 54/55: Desenho de Henry. Lange – Vista de Itajaí, 1882 (Tombo 002.00329.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 56/57: Pintura de Hugo Calgan retratando a cidade de Itajaí, 1884 (Tombo 002.00325.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 58/59: 1. Farmácia Santa Teresinha (antiga Casa Currilin), 1928. 2. Esquina das rua Lauro Muller e Hercilio Luz, 1928 (Tombo 063.14374.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 60: Barry Meyer (África do Sul).

Página 61: Procissão do Encontro na Praça da Republica (hoje Praça Irineu Bornhausen), 1925 (Tombo 046.10889.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 62: Hilde Vanstraelen (Bélgica).

## **Anuário de 1949**

Página 63: reprodução da folha de rosto do Anuário de 1949 (acervo digital CDMH).

Página 64/65: Praça Vidal Ramos – Igreja Imaculada Conceição, c.1940 (Tombo 055.12554.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 66/67: Antonio Menezes Vasconcelos de Drumond (Tombo 053.11931.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 67: Imigrantes alemães “o primeiro acampamento na selva”. Desenho da autoria de Dr. Fritz Hofmeister, 1886 – publicado na revista alemã “Transpondo Terra e Mar”, nº 12 (Tombo 010.01376.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 68/69: Hospital Santa Beatriz, c. 1925 (Tombo 054.12036.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 70/71: Regata no Rio Itajaí-açú, 1927 – Vista de Navegantes (Tombo 055.12444.001 – acervo FGML/CDMH) (detalhe).

Página 72/73: Torre do Palácio Marcos Konder, tirada a partir da lateral da Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, 1980 (Tombo 003.00481.001 acervo FGML/CDMH).

Página 74/75: Rua Hercílio Luz esquina Rua Lauro Müller, c. 1940 (Tombo 055.12555.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 77: Barry Meyer (África do Sul).

Página 78: Kriss Szkurlatowski (Polônia).

Página 79: Vista aérea de Itajaí, 1939 (Tombo 015.03078.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 80/81: Barco “FUERLAND” ancorado no Rio Itajaí-açú, 1928 – vista ao fundo Navegantes para o lado da barra (Tombo 016.03732.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 83: Ginásio Itajaí – Sala de aula, s.d. (Tombo 001.00133.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 84: Ginásio Itajaí – Sala de Ciências, s.d. (Tombo 001.00119.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 86/86: Grupo Escolar Victor Meirelles, 1929 – Alunos e Professores (Tombo 046.11013.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 89: Herbário Barbosa Rodrigues, 1987 (Tombo 047.11130.001 – acervo FGML/CDMH).

- Página 90/91: Ginásio Itajaí, 1948 – Alunos e Professores (Tombo 059.13479.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 93: Sociedade Guarani – Corpo cênico da peça “Fogo de Palha”, 1927 (Tombo 055.12568.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 94: Ivan Prole (Sérvia).
- Página 104/105: Porto de Itajaí – Vista, início do século XX (Tombo 002.00386.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 106: Igreja da Imaculada Conceição, 1925 (Tombo 016.03734.001 – acervo FGML/CDMH) (detalhe).
- Página 107: Banquete oferecido ao Sr. Irineu Bornhausen, na Sociedade Atiradores de Itajaí, 1930 (Tombo 012.01655.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 108: Escola alemã, 1905 – visita dos alunos ao navio “Panther” (Tombo 018.04225.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 109: Companhia Fábrica de Papel Itajaí, 1913 – Vista interna (Tombo 026.06300.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 110/111: Excursionistas de Joinville, na Praia de Navegantes, 1910 (Tombo 032.07155.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 112: Atletas, diretores e torcedores do C. N. Almirante Barroso, na 1ª sede alugada – Rua República Argentina, 1919 (Tombo 055.12572.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 113: Imigrantes Italianos, c. 1914 – Família de Domencio Walter e Maria Nardi (Tombo 058.13181.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 114/115: Porto de Itajaí, s.d. (Tombo 047.11139.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 116: Porto de Itajaí, s.d. (Tombo 047.11140.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 117: Casa de Bonifácio Schmitt na Rua Lauro Müller, 210, 1987 (Tombo 047.11118.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 118/119: Cartão postal – Porto de Itajaí, 1904 (Tombo 003.00447.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 120/121: Concentração dos escolares itajaienses na R. Hercílio Luz, dia da Pátria, esperando a passagem do fogo simbólico da Pátria, 1945 (Tombo 055.12535.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 122/123: Sanja Gjenero (Croácia).
- Página 124/125: desconhecido (Polônia).
- Página 126: Sérgio Roberto Bichara (SP).
- Página 128: Sociedade Guarani, 1915 – sede antiga (Tombo 016.03752.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 130/131: Colégio São José, 1936 (Tombo 016.03738.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 134/135: acervo digital.
- Página 136: Barry Meyer (África do Sul).

## **Anuário de 1959**

- Página 137: reprodução da capa do anuário de 1959 (acervo digital CDMH).
- Página 138/139: Vista aérea de Itajaí, 1953 – ao centro a Avenida 7 de setembro (Tombo 001.0011.006 – acervo FGML/CDMH).
- Página 140/141: Vista aérea do centro da cidade de Itajaí, 1955 (Tombo 055.12483.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 142 a 148: variações sobre a imagem Tombo 002.00329.001 (vista da cidade, 1882 – Desenho de

Henry Lange – acervo FGML/CDMH).

Página 149: Sede do Banco INCO, década de 1950 (Tombo 001.00118.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 150: Genésio Miranda Lins (Tombo 062.14217.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 151: Vista da Rua Hercílio Luz, 1960 – Comemorações do centenário de Itajaí (Tombo 003.00448.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 152/153: Porto de Itajaí, 1952 – Rio Itajaí-açu (Tombo 048.11375.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 154: Sociedade Guarani, s.d. (Tombo 001.00078.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 155: Sociedade Guarani, c. 1958 (Tombo 001.00064.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 157: Club Nautico Marcilio Dias – 1º time de futebol (Tombo 007.01019.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 158: Wivina Claeys (Bélgica).

Página 159: Vista de Itajaí, 1951/Festa de Nossa Sra. dos Navegantes (Tombo 008.01187.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 160/161: Vista aérea da cidade/Porto de Itajaí, c. 1960 (Tombo 054.12047.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 162: Praça Vidal Ramos com navio entrando no Porto, c. 1960 (Tombo 054.12048.001 – acervo FGML/CDMH) (detalhe).

Página 163: acervo digital FGML/CDMH.

Página 164: acervo digital FGML/CDMH.

Página 166: Mapa da Sesmaria de Drumond, s.d. (Tombo 002.00201.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 169: Desfile escolar em frente da Praça Vidal Ramos, c. 1940 – Rua Lauro Muller X Rua Hercílio Luz (detalhe - Tombo 055.12531.001 – acervo FGML/CDMH)

Página 170/171: Itajaí, rua Hercílio Luz, centenário, 1960 (Tombo 003.0448.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 172: Barry Meyer (África do Sul).

## **Anuário de 1960**

Página 173: reprodução da capa do anuário de 1960 (acervo digital CDMH).

Página 174: Desfile de 7 de setembro na Rua Hercílio Luz, c. 1959 (Tombo 057.13033.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 175: Vista panorâmica da cidade, 1960/antigo Aeroporto de Itajaí (Tombo 048.11525.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 176/177: Vista aérea de Itajaí, 1959 (Tombo 059.13491.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 178: Carros de mola na Avenida Marcos Konder, 1971 (Tombo 055.12468.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 179: Igreja do Santíssimo Sacramento de Itajaí, 1970 (Tombo 056.12827.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 180: Igreja do Santíssimo Sacramento de Itajaí – Praça Gov. Irineu Bornhausen, 1970 (Tombo 056.12826.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 181: Grupo Escolar Victor Meirelles – Diretor, professores e funcionário, 1929 (Tombo 018.4230.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 182/183: Kriss Szkurlatowski (Polônia).

Página 184/185: Tela de Walter Smykalla - "Itajaí no tempo dos Índios", 1989 (Tombo 058.13436.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 186/187: Imigrantes alemães "A derrubada da mata para começo das roças"- Desenho da autoria de Dr. Fritz Hofmeister, 1886 - publicado na revista alemã Transpondo Terra e Mar", nº 12 (Tombo 010.01378.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 188/189: Porto de Itajaí, vista, início do século XX (Tombo 002.00386.001 - acervo FGML/CDMH) (detalhe).

Página 191: John Hughes (Alemanha).

Página 192: John Hughes (Alemanha) e anônimo (Israel).

Página 194/195: Vapor Blumenau, 1944 (Tombo 007.00761.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 196/197: Antigo Porto de Itajaí, 1900 (Tombo 058.13456.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 199: composição (banco de imagens Rogério Lenzi) com Tombo 056.12612.001 (Hildegard Burgardt e amigos em Cabeçadas, 1927 - acervo FGML/CDMH).

Página 200/201: composição (fotografia de Wong Mei Teng/Malásia) com Tombo 003.00480.001 (Torre do Palácio Marcos Konder, s.d. - acervo FGML/CDMH).

Página 202: Ray Germain (Canadá).

Página 203: - Expedição do General Candido Rodon no Norte do Brasil, s.d. (Tombo 008.01137.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 204: Barry Meyer (África do Sul).

## **Anuário de 1998**

Página 205: reprodução da capa do anuário de 1998 (acervo digital CDMH).

Página 206: Michal Zacharzewski (Polônia).

Página 207: Manu Mohan (Índia).

Página 208/209: composição a partir das imagens de Felipe Wiecheteck (Curitiba), Kriss Szkurlatowski (Polônia) e acervo digital FGML/CDMH (poeta Marcos Konder Reis).

Página 210/211: composição a partir das imagens de David Ritter (EUA) e Johnny Maroun (Líbano).

Página 212: anônimo (Itália).

Página 213: Per Hardestam (Suécia).

Página 214: Zsuzsanna Kilian (Hungria).

Página 215: Luiz Renato D. Coutinho (São Paulo).

Página 216: A fonte (Ingres); reprodução FGML/CDMH.

Página 217: interferência na imagem de Brumley (USA).

Página 218: Porto de Itajaí, 1927/Carregamento de Madeira (Tombo 026.06327.001 - acervo FGML/CDMH).

Página 219: acervo Rogério Lenzi.

Página 220/221: composição a partir da imagem de Filipe Samora (Inglaterra) com Tombo 026.06326.001 (vista de Itajaí, 1948/porto - acervo FGML/CDMH).

Página 222/223: Praça Vidal Ramos, 1940/Igreja Imaculada Conceição (Tombo 055.12554.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 224: Praça Vidal Ramos, 1940/Correto e Igreja Imaculada Conceição (Tombo 015.03388.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 225: composição a partir das imagens de B. S. K. (Indonésia) e Gonçalo Gil (Portugal).

Página 226/227: composição a partir da imagem de Magnus Hörberg (Suécia); tomo 023.05331.001 (vista da cidade, 1981 - acervo FGML/CDMH) e retrato de Lito Seára.

Página 228: interferência sobre foto de Carlos Paes (Lisboa).

## **Anuário de 1999**

Página 229: reprodução da capa do anuário de 1999 (acervo digital CDMH).

Página 230: Porto de Itajaí/cais, 1999 (Tombo 060.13937.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 232/233: Entrada da Barra de Itajaí/Barra da Foz do Rio Itajaí-açu/Praia de Navegantes, 2004 (Tombo 068.15188.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 234: composição Tombo 063.14381.001 (Firmino Alfredo Rosa, s.d.); 063.14425.001 (Silvério Joaquim Ramos, "Tio Silvério", 1906) e 063.14426.001 (Sebastião Lucas Pereira, s.d. – acervo FGML/CDMH).

Página 235: composição a partir das imagens de Patrizio Martorana (Itália) e Denis Giles (Argentina).

Página 236: interferência sobre imagem de Marek Bernat (Inglaterra).

Página 237: arte de Oshin Beveridge (Inglaterra).

Página 238: Antonio Menezes Vasconcelos de Drumond, 1824 (Tombo 027.06436.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 239: Obra de arte do artista Dide Brandão/exposição, 1989 (Tombo 032.07096.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 240/241: composição a partir da obra de Edmundo Campos (acervo Rogério Lenzi).

Página 242: Antonio Augusto Nobrega Fontes, s.d. (Tombo 010.01367.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 243: Exposição " Acervo Dide Brandão", 2001 (Tombo 062.14027.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 244/245: interferência sobre imagem de José Assenco (rasília)

Página 246: interferência sobre imagem de Billy Alexander (EUA).

Página 247: interferência sobre imagem de Auro Queiroz (São Paulo).

Página 248: interferência sobre imagem de Marco Michellini (Itália).

## **Anuário de 2000**

Página 249: reprodução da capa do anuário de 2000 (acervo digital CDMH).

Página 250: interferência sobre imagem de Victor Zuydweg (Netherlands).

Página 251: Consulado alemão em Itajaí/Casa Asseburg/Futura Praça Vidal Ramos, 1904 (Tombo 047.11035.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 252: Índios Oyampi – Capitão "Ten – Ten" Expedição do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, s.d. RONDON, Cândido Mariano. Inspeção de Fronteiras. Relatório do General Inspector. Fronteira do Pará

e Amazonas. Acompanhado de 3 anexos. Ministério da Guerra, 1 jul. 1927 (Tombo 008.01147.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 253: Índios Oyampi – Expedição do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, s.d. RONDON, Cândido Mariano. Inspeção de Fronteiras. Relatório do General Inspector. Fronteira do Pará e Amazonas. Acompanhado de 3 anexos. Ministério da Guerra, 1 jul. 1927 (Tombo 008.01140.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 254: Clube Náutico Cruz e Sousa, 1922/equipe de remo vencedora da “Taça para todos” (Tombo 063.14365.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 255: interferência sobre imagem de Silvia Cosimini (Itália).

Página 256/257: Frontão do Palácio Marcos Konder, 2002 (Tombo 068.15289.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 258: Dia da Vitória, 1945/comemorações do término da 2ª Guerra Mundial (Tombo 032.07162.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 259: interferência sobre imagem de Sean Cain (EUA).

Página 260: anônimo (Polônia).

Página 261: anônimo (EUA).

Página 262: Baleia encontrada morta, 1938/rebocada até o Saco da Fazenda por pescadores de Navegantes (Tombo 032.07171.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 263: Rua Alberto Werner/Bairro Vila Operaria/casas populares, 1927 (Tombo 047.11047.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 264: Bairro Nossa Senhora das Graças (Matadouro), 1982 (Tombo 001.00051.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 265: Hemeroteca e Periódicos Diversos/acervo do Centro de Documentação e Memória Histórica Genésio Miranda Lins, 2002/vista interna da sede (Tombo 068.15399.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 266: interferência sobre imagem de Roger Kirby (EUA).

Página 267: anônimo (Chile).

Página 268/269: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 270: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 271: composição a partir das imagens de Rodolfo Dix (Brasil) e Bill Davenport (Canadá).

Página 272: acervo Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).

## **Anuário de 2001**

Página 273: reprodução da capa do anuário de 2001 (acervo digital CDMH).

Página 274: interferência sobre imagem de Vlad Iorga (Romênia).

Página 275: Genésio Miranda Lins (Tombo 065.14491.001 – acervo FGML/CDMH) (interferência digital).

Página 276: Genésio Miranda Lins (Tombo 062.14212.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 277: Genésio Miranda Lins (Tombo 062.14219.001 - - acervo FGML/CDMH).

Página 278: Escola São José tombo 001.00014.001.

Página 279: interferência sobre imagem de Robert Linder (EUA).

- Página 280: composição a partir das imagens de Ziadín Givan (Romênia) e Emre Nacigil (Turquia).
- Página 281: Pintura de Agê Pinheiro, 2001 (Tombo 067.14913. 001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 282: Obra do sexto Salão de Artes, 1997 (Tombo 067.14875. 001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 283: vestimenta samurai (elmo) – presente de Sodegaura/acervo do Museu Histórico de Itajaí (imagem Tombo 069.15956. 001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 284/285: composição (acervo digital – Rogério Lenzi).
- Página 286/287: interferência sobre a logomarca UNIVALI sobre imagem de Billy Alexander (EUA).
- Página 288: Alessandro Paiva (Belo Horizonte).
- Página 289: Dimo Kolibarov – água-forte – detalhe (reprodução FGML/CDMH).
- Página 290: Cruz e Sousa (reprodução FGML/CDMH).
- Página 291: Daniel Horácio Brambilla – água-forte – detalhe (reprodução FGML/CDMH).
- Página 292/293: composição sobre imagens de Marcos Konder Reis (acervo digital FGML/CDMH) e de Rainer Topf (Alemanha).
- Página 294: acervo Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).

## **Anuário de 2002**

- Página 295: reprodução da capa do anuário de 2002 (acervo digital CDMH).
- Página 296: interferência sobre imagem de Bruno Wakiyama (São Paulo).
- Página 297: Lauro Müller (Tombo 053.11909.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 298: Padre Pedro Baron, c. 1961 (Tombo 054.12073.001 – acervo FGML/CDMH) (interferência digital).
- Página 299: Porto de Itajaí, c. 1900 (Tombo 067.14998.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 300: anônimo (Finlândia).
- Página 301: Andrzej Pobiedziński (Polônia).
- Página 302: interferência sobre imagem de Bina Sveda (EUA).
- Página 303: Pedro Antonio Fayal (Tombo 027.06431.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 304: acervo digital (CDMH).
- Página 305: Ônibus que fazia o trajeto Itajaí-Gaspar-Blumenau, 1940 (Tombo 058.13174.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 306: Preparação das massas de "ex-voto de promessa a São Sebastião na residência do Sr. Luiz Vicente Rosa /Navegantes, 1996 (Tombo 066.14580.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 307: acervo Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).
- Página 308: Vista da cidade/Rua Lauro Müller e vista do Mercado Público, c. 1960 (Tombo 054.12049.001 – acervo FGML/CDMH).
- Página 309: retrato de Paulo Bauer.
- Página 310: interferência sobre imagem de Mohamed Aly (Egito).
- Página 311: Escadaria do Museu Histórico de Itajaí – Palacio Marcos Konder, 2003 (Tombo 069.15988.001 –

acervo FGML/CDMH).

Página 312: acervo Rogério Lenzi (série Outras mulheres).

### **Anuário de 2003**

Página 313: reprodução da capa do anuário de 2003 (acervo digital CDMH).

Página 314: interferência sobre imagem de Michal Zacharzewski (Polônia).

Página 315: Genésio Miranda Lins (Tombo 063.14409.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 316: interferência sobre imagem de Colin Brough (Inglaterra).

Página 317: interferência sobre imagem de Emre Nacigil (Turquia).

Página 318: Carnaval de rua em Itajaí: Bloco "Os Metralhas", s.d. (Tombo 014.2341.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 319: interferência sobre imagem de Donald Cook (EUA).

Página 320: Festa Colono, Km 12, 1981 (Tombo 016.0367.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 321: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 322: Escola Municipal Arraial Cunhas, 1915 (Tombo 001.00179.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 323: Irene Boemer na inauguração da churrascaria Silva Reis, 1970 (Tombo 056.12776.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 324: Herbário Barbosa Rodrigues, 1990 (Tombo 047.11130.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 325: interferência sobre imagem de Cristina Dornelles (Porto Alegre).

Página 326: interferência sobre imagem (anônimo – Bélgica).

Página 327: Lausimar Laus – Noite de autografos, Florianópolis, 1976 (Tombo 008.01070.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 328: desenho de Eduardo Moreira para o livro Contínuo Ato. Acervo Rogério Lenzi.

Página 329: FEB – Encontro de Veteranos, 1981 (Tombo 015.03171.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 330/331: Rainer Topf (Alemanha) – detalhe.

Página 332/333: interferência sobre imagem de Aleksandra P. (Polônia).

Página 334: acervo de Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).

### **Anuário de 2004**

Página 335: reprodução da capa do anuário de 2004 (acervo digital CDMH).

Página 336: intervenção sobre imagem de Gabriela Pernecka (Slováquia).

Página 337: composição a partir das imagens de Andris Kovacs (Hungria) e Tombo 002.00203.001 (Mapa do centro da Vila do Santíssimo Sacramento de Itajaí, 1887 – acervo FGML/CDMH).

Página 338: Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento/construção do relógio, 1955 (Tombo 002.00267.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 339: Colonos italianos em frente ao barracão dos imigrantes (Luis Alves), 1886 (Tombo 058.13178.00 – acervo FGML/CDMH).

Página 340/341: composição a partir da imagem de Sheila VooDoo (EUA) e tombo 007.00820.001 (Regata no Rio Itajaí-açu na altura da Praça Vidal Ramos, com vista de Navegantes, década de 1920 – acervo FGML/CDMH).

Página 342: intervenção sobre imagem de Jean Scheijen (Netherlands).

Página 343 intervenção sobre imagem de Joseph Hoban (Irlanda).

Página 344: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 345: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 346: Vista de Itajaí, 2001 (Tombo 062.14069.001– acervo FGML/CDMH).

Página 347: Painel de abertura da exposição “Tradições açorianas”/manequim com traje típico açoriano, 2002 (Tombo 068.15560.001– acervo FGML/CDMH) (interferência digital).

Página 348: Construção do Campus da UNIVALI, 1978 (Tombo 001.00143.001– acervo FGML/CDMH).

Página 349: Vista da Estação Ferroviária Engenheiro Vereza (Itaipava), 2002/em reforma para abrigar o Museu Étno-Arqueológico de Itaipava (Tombo 069.15838.001– acervo FGML/CDMH).

Página 350: composição sobre imagens de Sanja Gjenero (Croácia) e brasão da Monarquia.

Página 351: intervenção sobre imagem de Franco Giovannella (Jaraguá do Sul-SC).

Página 352/353: acervo digital (CDMH).

Página 354: acervo Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).

## **Anuário 2005/2006**

Página 355: reprodução da capa do anuário de 2005/2006 (acervo digital CDMH).

Página 357: intervenção sobre imagem de Bruno Wakiyama (São Paulo).

Página 359: intervenção sobre imagem de Abdulaziz Almansour (Kwait).

Página 360: Alemães carregando rádios às costas/Rua Lauro Müller, 1942 (Tombo 007.00870.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 361: Porto de Itajaí – Navio Atracado, 1999 (fotografo Jorge Luiz dos Santos)  
(Tombo 060.13935.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 362: composição e intervenção sobre imagens de Sanja Gjenero (Croácia) e de Ann- Kathrin Rehse (Alemanha).

Página 363: Banhistas na Praia de Cabeçudas/início do século XX (Tombo 008.01212.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 364: Jazz Band “ Os Foliões” em frente à Sociedade Guarani, s.d. (Tombo 007.00957.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 365: Grupo de “Dançantes do Moçambique”, de Penha - SC, com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, 1952/manifestação cultural negra de dança e canto que ocorre nas festividades de Nossa Senhora do Rosário (Tombo 056.12976.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 366:composição sobre imagens de Billy Alexander (EUA) e de anônimo (Polônia).

Página 367: Vista do aeroporto de Itajaí/paraquedistas, 1952 (Tombo 032.07275.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 368: intervenção sobre imagem de Michel Meynsbrughen (Bélgica).

Página 369: Porto de Itajaí, 2004 (Tombo 068.15231.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 370: Hospital Santa Beatriz, c. 1925 (Tombo 054.12127.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 371: acervo Rogério Lenzi (série outras mulheres).

Página 372: Preparação das massas de `ex-voto de promessa a São Sebastião na residência do Sr. Luiz Vicente Rosa /Navegantes, 1996 (Tombo 066.14555.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 373: intervenção sobre imagem de Michal Zacharzewski (Polônia).

Página 374: intervenção sobre imagem de Lucas Hirata (São Paulo).

Página 375: composição sobre imagem de Esmée (Netherlands) e tombo 002.00325.001(Pintura de Hugo Calgan retratando a cidade de Itajaí, 1884 – acervo FGML/CDMH).

Página 376: acervo Rogério Lenzi (série Santa Catarina entre outros nomes).

## **Anuário 2009**

Página 377: reprodução da capa do anuário de 2009 (acervo digital CDMH).

Página 378/379: interferência sobre imagem de Miguel Saavedra (Espanha).

Página 380: interferência sobre imagem de Penny Mathews (EUA).

Página 381: Tom Denham (USA).

Página 382: Itajaí, Igreja de Confissão Luterana, s/d. Tombo 057.12978.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 383: composição fotográfica entre fotografia de José Altabirra (Espanha) e acervo digital da FGML/CDMH).

Página 384: composição a partir de imagem de autor desconhecido (México) e acervo digital da FGML/CDMH).

Página 385: logo da ACII composta em imagem de autor desconhecido (México).

Página 386: inauguração da Ponte Marcos Konder, Itajaí, 1930 (Tombo 008.01206.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 387: Parque Náutico Odílio Garcia (intervenção) (Tombo 062.14159.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 388: acervo digital FGML/CDMH.

Página 389: interferência sobre imagem de Miguel Espirito Santo (Salvador).

Página 390: obra de Silvestre João de Souza Jr. Acervo digital FGML/CDMH.

Página 391: xilogravura de Emílio Garcia Lopes (reprodução FGML/CDMH).

Página 392: Tiro de Guerra 301, Itajaí, s/d. (Tombo 009.01229. 001 – acervo FGML/CDMH).

Página 393: composição a partir de água-forte de Dimo Kolibarov (reprodução FGML) e vista do porto de Itajaí, Itajaí, 1959 (Tombo 059.13491. 001 – acervo FGML/CDMH).

Página 394: acervo Rogério Lenzi (Santa Catarina entre outros nomes).

## **Anuário 2010**

Página 395: reprodução da capa do anuário de 2009 (acervo digital CDMH).

Página 396: interferência sobre imagem de Aleksandra P. (Polônia).

Página 397 a 407: Magru Floriano.

Página 408 a 411: acervo digital (FGML/CDMH).

Página 412/413: Fotografia do Monumento dos 150 anos (Rogério Lenzi).

Página 414: Igreja Evangélica de Confissão Luterana/culto de comemoração do 1º Centenário de Itajaí, 1960 (Tombo 055.12371.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 415: Igreja Evangélica de Confissão Luterana, 1894 (Tombo 057.12978.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 416/417: Antiga Igreja Luterana/vista da cidade, (década de 20 ou 30) (Tombo 002.00268.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 418: Obra de Dide Brandão, 2001 – acervo CDMH (Tombo 062.14027.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 419: auto-retrato de "Dide Brandão" (Tombo 058.13444.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 420: Obra de Dide Brandão (Tombo 032.07096.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 421: Carmem Ehrardt e Dide Brandão /quadro de Carmem Ehrardt pintado por Dide Brandão, 1958 (Tombo 042.10076.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 422: Igreja Imaculada Conceição, 1988/painel em alto relevo/arco do Cruzeiro – artista Dide Brandão (Tombo 018.4226.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 423: Dide Brandão/última exposição individual em Itajaí, 1975 (Tombo 038.09753.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 425: Obra de Dide Brandão (Tombo 032.07098.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 426: acervo digital (FGML/CDMH).

Página 429: Regata disputada no Rio Itajaí-açu /vista de Navegantes, década de 1920 (Tombo 016.04029.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 430/431: Clube Náutico Marcilio Dias – Time de Futebol, 1921 (Tombo 011.01619.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 432: Clube Náutico Cruz e Sousa – Equipe de Remo, 1922 (Tombo 019.04719.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 434/435: Regata no Rio Itajaí-açu, s.d. (Tombo 007.00820.001).

Página 436/437: Corrida ciclística na Praça Vidal Ramos, 1936 (Tombo 048.11518.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 439 a 442: Roney Rodrigues.

Página 443: acervo digital (Rogério Lenzi).

Página 444/445: Cemitério Municipal da Fazenda, 1992 (Tombo 047.11163.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 446: interferência sobre imagem de anônimo (Polônia).

Página 447: Cemitério Municipal da Fazenda, 1992 (Tombo 047.11211.001 – acervo FGML/CDMH).

Página 448/449: interferência sobre imagem de Dimitri Castrique (Bélgica).

## Índice iconográfico

Página 450: composição e interferência sobre imagens de Apoena Machado Cunha (Brasília) e Gary Scott (Canadá).

Página 464: acervo Rogério Lenzi (série Outras mulheres).



## **FIM DE ANUÁRIO DE ITAJAÍ - 150 ANOS**





Este livro foi composto na fonte  
Verdana, corpo 10, entrelinhas 14,  
para Fundação Genésio Miranda Lins.

Finalizado em Dezembro de 2010  
Impresso no verão de 2011

Itajaí - SC - Brasil

